

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

A CRISE DA GLOBALIZAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Uma análise sobre o ressurgimento do nacionalismo americano

Roberta Fonseca de Carvalho Bukowski

Matrícula nº: 111214477

Orientador: Eduardo Costa Pinto

Agosto 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

A CRISE DA GLOBALIZAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Uma análise sobre o ressurgimento do nacionalismo americano

Roberta Fonseca de Carvalho Bukowski

Matrícula nº: 111214477

Orientador: Eduardo Costa Pinto

Agosto 2018

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora

“A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas escapar das antigas.”

John Maynard Keynes

AGRADECIMENTOS

Agradeço calorosamente a todos que direta ou indiretamente contribuíram tanto na minha formação quanto na elaboração deste trabalho.

Gostaria de agradecer aos meus pais. A minha mãe Lilia, por ter sido sempre minha maior incentivadora, obrigada por ser um modelo de abertura, amor, sinceridade e persistência. Ao meu pai Carlos, por sempre ter sido um porto seguro, obrigada por ser um modelo de retidão e generosidade. Agradeço também ao meu marido Marcio, pelo apoio incondicional, pelo companheirismo, amizade, conselhos sempre oportunos e pelas revisões ortográficas, obrigada por ser o que no mundo eu chamo de lar.

Agradeço a minha avó Marly e a minha sogra Maria do Socorro, pelas inúmeras orações, velas acendidas e pensamentos positivos e em vésperas de provas, bem como todo o carinho que me deram durante essa caminhada, gratidão por tê-las em minha vida.

Aos amigos de longa data, obrigada pela paciência, compreensão das ausências e por me fornecerem um ambiente seguro e acolhedor. Aos amigos que fiz no Instituto de Economia, obrigada pela convivência diária, pelas horas de estudo juntos, pelos conselhos e por conterem meus ânimos diversas vezes. Especialmente à Nathalia e Fernanda cada uma com seu modo de ver o mundo me ensinou algo importante, obrigada por todo apoio.

Agradeço ainda aos professores e profissionais que fizeram parte da minha vida acadêmica, ao meu orientador professor Eduardo Costa Pinto, obrigada por todo o conhecimento compartilhado, por ter generosamente me guiado, com paciência e entusiasmo, foi uma honra aprender com você. Agradeço ainda aos professores que me apoiaram e me motivaram ao longo do curso de diferentes maneiras; Alexis Saludjan, Ângela Ganem, Carlos Pinkusfeld, Daniel Barreiros, Romero Rocha e Valéria Pero. Um agradecimento especial a Anna Lúcia Braga Salles, obrigada por tudo, cada reprimenda, cada ajuda, cada problema impossível solucionado.

Por fim agradeço ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde experimentei momentos bons e ruins, todos muito importantes, que cumpriram cada um o seu papel em me tornar quem sou.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar como a crise da globalização no capitalismo contemporâneo criou o ambiente favorável para o ressurgimento do nacionalismo. Para isso a globalização será analisada em três dimensões, financeira, produtiva e ideológica, demonstrando como essas três dimensões conjuntamente atuaram como catalisadoras da crise proporcionando o surgimento de um novo nacionalismo em diversos países do mundo, neste trabalho estuda-se especificamente o caso dos Estados Unidos através da eleição de Donald Trump. Analisa-se o fenômeno da globalização do apogeu à crise, demonstrando os fatores fundamentais para o desmonte do projeto de globalização como a crescente redução dos empregos industriais nos EUA e a queda da lucratividade de setores industriais em contraposição aos elevados lucros provenientes de ativos financeiros que por sua vez não geram empregos. De forma geral faz-se um panorama de como a globalização foi a crise e culminando em um novo establishment nacionalista conservador.

LISTA DE GRÁFICOS

1. Evolução do PIB americano na década de 90 em porcentagem p.27
2. Evolução taxa de juros (fundos federais) dos EUA: 1990-2015 (%) p.27
3. Taxa de juros americana de 2001 a 2003 em porcentagem p.29
4. Nível de Endividamento das famílias em parcela do PIB p.31
5. PIB americano anos 2000 (%) p.31
6. PIB americano de 2010 a 2017 em porcentagem p.32
7. Valor adicionado ao PIB americano em média 2000-2010, por indústria (% do PIB) p.34
8. Evolução do mercado de ações em relação ao PIB de 1980 a 2010 p.35
9. Crescimento da Incidência de lucros no setor financeiro dos EUA p.35
10. Lucros dos setores financeiro e não financeiro - como % do valor adicionado para a economia americana, 1960-2008 p.36
11. Evolução do endividamento americano em US\$ bilhões de 1990 a 2010 p.36
12. Desemprego na Economia Americana de 1990 a 2010 em (%) p.39
13. Taxa de emprego da economia americana de 1990 a 2010 em (%) p.40
14. Taxa de empregos industriais americanos em (% do emprego total) p.41
15. Taxas de desemprego por nível de educação, 1992–2009 p.41
16. Distribuição dos empregados americanos por setor em % de 2000 e 2010 p.42
17. Empregos industriais em milhões em diversos países p.43
18. Custo médio por hora dos funcionários da indústria em diversos países p.44
19. Taxa de lucro da economia americana de 1990 até 2009 p.45

LISTA DE TABELAS

1. Vinte maiores bolsas do mundo por capitalização de mercado, total de empresas listadas e anos desde sua fundação p.20

LISTA DE ABREVIATURAS

1. BEA- Bureau of Economic Analysis
2. BLS- Bureau of Labor Statistics
3. BSE- Bombay Stock Exchange
4. BRICs- Brasil, Rússia, Índia, China & South Africa
5. ETs- Empresas Transnacionais
6. EUA- Estados Unidos da América
7. FED- Federal Reserve System
8. FMI- Fundo Monetário Internacional
9. FSE- Frankfurt Stock Exchange
10. HKEX- Hong Kong Exchanges
11. IED- Investimento Estrangeiro Direto
12. KRX- Korea Exchange
13. JSE- Johannesburg Stock Exchange
14. LSE- London Stock Exchange
15. MASX- Australian Securities Exchange
16. MSE- Madrid Stock Exchange
17. NSE- National Stock Exchange of India
18. NYSE- New York Stock Exchange
19. NASDAQ - National Association of Securities Dealers Automated Quotations
20. PIB – Produto Interno Bruto
21. SIX- SIX Swiss Exchange
22. SSE- Shanghai Stock Exchange
23. SZSE- Shenzhen Stock Exchange
24. TWSE- Taiwan Stock Exchange
25. TSE- Tokyo Stock Exchange
26. TSX- Toronto Stock Exchange

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I- GLOBALIZAÇÃO: CONCEITO E DIMENSÕES FINANCEIRA E PRODUTIVA	13
I.1 Globalização: Conceito e Trajetória Histórica.....	13
<i>I.1.1O desenvolvimento do fenômeno da globalização no mundo: fatos estilizados</i>	14
I.2Globalização em duas dimensões financeira e produtiva.....	18
<i>I.2.1Globalização Financeira</i>	18
<i>I.2.2 Globalização Produtiva</i>	21
I.3 A dimensão ideológica da Globalização.....	23
CAPÍTULO II- A DINÂMICA INSTÁVEL DOS EUA, SOB EFEITO DA GLOBALIZAÇÃO (PRODUTIVA E FINANCEIRA): DO BOOM A CRISE	25
II.1 A economia dos Estados Unidos nos anos 1990: a consolidação da financeirização.....	25
II.2 A economia americana nos anos 2000.....	29
II.3 Financeirização da economia norte americana.....	34
CAPÍTULO III-CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA E PRODUTIVA NOS EUA: O NOVO NACIONALISMO?	38
III.1 A economia americana e o desemprego.....	38
<i>III.1.1 Análise sobre emprego na economia americana nos anos 2000</i>	38
<i>III.1.2 A migração dos empregos americanos para a Ásia</i>	43
III.2 Desempenho da taxa de lucro da economia americana nos anos 2000.....	45
III.3 Implicações da crise da globalização na política americana: O novo nacionalismo norte americano.....	47
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

Historicamente o capitalismo passa por crises cíclicas, tão logo haja a superação da crise, seguem-se rearranjos econômicos e políticos que provocam mudanças nas estruturas de poder. Seguiram-se as últimas grandes crises econômicas globais (1930, 1973 e 2008) reações por parte dos países do centro que, por sua vez, geraram profundas mudanças políticas, sociais e econômicas.

A globalização tal qual conhecemos, originou-se como reação a crise dos anos 1970 (fim do Acordo de *Bretton Woods* e do padrão de acumulação fordista/keynesiano) também contribuiu não apenas para a difusão do ideário liberal, mas para a crescente desregulamentação do sistema financeiro e dos mercados em escala global.

A crise econômica de 2008 deflagrou enormes questionamentos a respeito da globalização, não apenas em seu aspecto econômico, mas também no âmbito político e ideológico. Pois, a crise do *subprime* explicitou e ampliou (i) o aumento da desigualdade de renda e de riqueza; (ii) a precarização do mercado de trabalho americano; e (iii) a redução do poder de barganha dos trabalhadores, etc.) gerando os germes necessários para o surgimento do nacionalismo retrógrado com pendões xenofóbicos

Ainda em 2016 dois eventos deixaram bem claro que está em curso uma profunda mudança no capitalismo. No dia 23 de junho de 2016, os cidadãos britânicos votaram em sua maioria pela saída da Inglaterra da União Europeia, no mesmo ano em novembro nos Estados Unidos foi eleito o novo presidente americano Donald Trump contrariando as expectativas, um candidato republicano de agenda nacionalista reacionária e antiglobalização.

Esses eventos explicitam que a crise política claramente tem motivação econômica, uma vez que esses dois resultados, em boa medida, refletem a insatisfação dos trabalhadores desempregados, em sua maioria brancos, mais velhos e sem muita escolaridade. Mesmo entre os que não perderam seus postos de trabalho a insatisfação é pungente com a estagnação dos salários e a precarização do trabalho decorrentes do processo de globalização.

Essa sinalização de descontentamento por uma parcela da população (trabalhadores pobres) que não parecia ser realmente vista por nenhum grupo político, mesmo proporcionando a eleição de Donald Trump, ainda parece ser entendida de forma equivocada. Credita-se os

votos que Trump recebeu ao populismo, ignorando que tal descontentamento parece ser apenas uma pequena demonstração do que o projeto de globalização pode criar em termos de regressão social.

Diante disso, esta monografia tem como objetivo analisar as principais consequências econômicas da globalização financeiro e produtiva para os EUA, buscando identificar como a crise da globalização e seus impactos negativos (para o aumento da concentração de renda e riqueza, para a precarização do mercado de trabalho, para a redução do poder de barganha dos trabalhadores, etc.) criaram as condições fecundas para a ascensão do nacionalismo retrógrado americano.

Para tanto, este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro trata de conceitualizar e contextualizar a globalização, analisando a globalização em três dimensões financeira, produtiva e ideológica. O segundo capítulo analisa a economia norte-americana sob influência da globalização (produtiva e financeira), do apogeu a crise da mesma, destacando os impactos da adoção do padrão de acumulação financeirizado.

O terceiro e último capítulo trata dos impactos econômicos sofridos pelos EUA em consequência da globalização, sendo que a análise é focada na queda dos empregos industriais e no comportamento da taxa de lucro americana durante os anos 2000, buscando conectar esses resultados com o surgimento do nacionalismo retrógrado americano, apoiado por expressivos segmentos dos trabalhadores.

CAPÍTULO I - GLOBALIZAÇÃO: CONCEITO E DIMENSÕES FINANCEIRA E PRODUTIVA

Este capítulo tem como objetivo apresentar as principais características do processo atual de globalização, numa perspectiva histórica, buscando apresentar o debate teórico a respeito desse conceito e como a configuração atual da Globalização (fase específica de um longo processo histórico) tem suas origens no desdobramento da crise da década de 1970. Além disso, pretendem-se apresentar, de forma sintética, os principais traços constitutivos desse fenômeno enfocando especialmente os elementos financeiros.

Para tanto, o capítulo divide-se em três seções. A primeira (seção 1.1) busca conceituar o fenômeno da globalização evidenciando no seu surgimento. A segunda (seção 1.2) discute-se as dimensões financeira e produtiva da globalização e, por fim, na terceira (seção 1.3) discute-se a globalização em sua dimensão ideológica.

1.1 Globalização: Conceito e Trajetória Histórica

O conceito de globalização, na acepção mais utilizada hoje, surgiu na década de 1980 e em linhas gerais refere-se a um estágio mais avançado da interdependência entre povos, países e economias. O termo substituiu a palavra mundialização, apesar de não serem exatamente a mesma coisa já que a globalização é um conceito mais abrangente, pois, para muitos historiadores, esse processo vem ocorrendo desde os séculos XV e XVI, com a unificação dos mercados.

O termo globalização tornou-se popular na década de 90 e vem sendo utilizado, desde então, para descrever essencialmente o processo de integração da economia mundial. Naquela década ocorreu não apenas a popularização do termo, mas também a proliferação de trabalhos acadêmicos sobre essa temática, bem como foram produzidos muitos trabalhos para avaliar os impactos da globalização sobre os países, discutindo os prós e os contras da mesma.

Nesse sentido, não é por acaso que há um grande debate acerca da definição do fenômeno da globalização que abarca significados distintos para diferentes correntes do pensamento, bem como dimensões analíticas diferentes. Segundo Prado (2001) é possível adotar quatro

dimensões analíticas para conceituar globalização, a saber: época histórica; fenômeno sociológico; hegemonia dos valores liberais; fenômeno socioeconômico.

O foco deste presente trabalho será a dimensão socioeconômica, sem perder de vista a questão dos valores ideológicos. De forma mais geral, essa dimensão é aqui entendida como sinônimo de globalização econômica que significa: a crescente integração das economias e sistemas econômicos; a expansão internacional de bens e serviços, tecnologia e capitais; a intensificação dos movimentos transfronteiriços de pessoas; bem como a criação de mercados internacionais e o acirramento da disputa por tais mercados.

Além dessas dimensões analíticas, é possível identificar, segundo Held (1999), três grandes perspectivas sobre o debate da globalização, a saber: hiperglobalista, cética e transformacionalista. A primeira parte do princípio que o mundo, por si só, é globalizado e que esse fenômeno é contínuo e irreversível. Os que compartilham da perspectiva cética, por sua vez, entendem que a globalização é pequena no mundo, de modo que não atingiu ainda níveis irreversíveis podendo ser revertida e, por último, a perspectiva transformacionalista que é uma visão intermediária entre as duas anteriores. Segundo essa visão a globalização alcançou níveis altíssimos no fim do século XX, transformando as relações entre os países, entretanto é um processo que depende fundamentalmente da política¹.

De forma mais específica, o fenômeno da globalização atual é considerado nesse trabalho como o período posterior a crise da década de 1970, marcado pelo dismantelamento da ordem Bretton Woods (fim do keynesiano/fordista, do Estado do Bem-Estar social e do sistema monetário dólar-ouro) e pela generalização neoliberal que é caracterizado pela liberalização financeira, pela abertura comercial e integração produtiva (PINTO & GONCALVES, 2015).

1.1.1 O desenvolvimento do fenômeno da globalização no mundo: fatos estilizados

Em decorrência dos múltiplos conceitos de globalização, não existe um consenso sobre quando se iniciou o processo de globalização no mundo. Alguns historiadores consideram a globalização apenas no momento de sua consolidação total (quando os meios informacionais se expandiram para múltiplos locais do mundo e os mercados tornaram-se globais) o que teria

¹ Cabe observar que existem temas que se correlacionam com a globalização que eventualmente serão discutidos no presente trabalho, mas não são o tema principal de nosso interesse, tais como: equilíbrio de poder, dependência e imperialismo, por mais que esses temas estejam contidos dentro da teoria da globalização.

ocorreu apenas na segunda metade do século XX. Outra perspectiva, considera que a Globalização é um processo gradativo e contínuo, e que teria se iniciado com as grandes navegações no final do século XV e início do século XIX, entre 1450 e 1850.

Tomando a segunda perspectiva o fenômeno de globalização teria passado por quatro estágios, a saber: i) estágio embrionário do começo do século XV até metade do XVIII, fase marcada pela decadência do feudalismo e crescimento das comunidades nacionais, com avanços das conquistas territoriais e formação do conceito de indivíduo; ii) estágio incipiente da metade do século XVIII até meados do século XIX, formação dos Estados Nacionais e formalização do conceito de relações internacionais; iii) estágio de luta pela hegemonia de 1870 até metade de 1920, aceleração das comunicações no mundo, debates acerca de uma sociedade global; e iv) estágio da incerteza, segunda metade do século XX com a internacionalização de empresas e mercados, inclusão da periferia nas redes do sistema industrial e financeiro, sistema de mídia global, surgimento de questões de interesse global como o meio ambiente e segurança nuclear.

Como destacado o presente trabalho foca sua análise na segunda metade do século XX, destacando o fim da ordem socioeconômica de Bretton Woods como a passagem para o novo estágio da globalização.

O século XX proporcionou ao mundo muitos acontecimentos de dimensões catastróficas, em cinquenta anos ocorreram duas guerras mundiais e uma crise sem precedentes na história do capitalismo. A crise de 1929 e a instabilidade econômica do período entre guerras levaram os países centrais a propor uma reformulação de suas instituições e a criação de um sistema monetário estável, com o objetivo de prevenir crises sistêmicas, diminuindo assim, o risco de colapso dos sistemas de pagamentos baseados no uso de depósitos à vista e criando regras que promovessem equalização das oportunidades econômicas para as nações, foi criado um grande sistema de regulação e supervisão do sistema financeiro forjado na Conferência de Bretton Woods no pós- Segunda Guerra Mundial.

Em 1944, no dia primeiro de julho iniciou-se a Conferência de Bretton Woods presidida pelo economista inglês John Maynard Keynes que tinha como objetivo central estabelecer regras para as relações comerciais e financeiras dos países centrais. Dentre diversas medidas propôs também a criação de uma moeda internacional o Bancor – proposta essa que não obteve sucesso– ainda na conferência foi criado o FMI-Fundo Monetário Internacional.

O resultado da conferência foi a criação do Acordo de Bretton Woods que estabeleceu a adoção do sistema dólar-ouro, que determinava que o dólar seria aceito livremente em transações internacionais e estaria lastreado ao ouro em uma taxa de conversão fixa, o que se assemelhava ao sistema libra-ouro que durou até 1914. Outra medida adotada, no âmbito do Acordo, foi a restrição à mobilidade de capitais. Tal medida graças à fixação das taxas de câmbio² conferiu autonomia aos países no âmbito de suas políticas fiscais e monetárias. Nesse sentido, a livre mobilidade de capitais³ foi sacrificada seguindo a proposição do trilema⁴ econômico.

No período que compreende o pós segunda guerra mundial até o fim da década de 70 os Estados Unidos lideraram o capitalismo mundial, uma liderança que buscava ordenar e regular o sistema financeiro mundial. Os resultados advindos de *Bretton Woods* sob a tutela norte-americana proporcionaram um período de prosperidade e crescimento, conhecido como os trinta gloriosos (1945-1975) período de expressivo crescimento econômico para a maioria dos países desenvolvidos com participação dos salários na renda total e crescimento da produção industrial.

A existência dessa grande rede de supervisão garantiu a estabilidade do sistema financeiro por cerca de cinquenta anos. Até a década de 70 o setor financeiro era extremamente regulado em todas as economias de mercado do mundo.

Durante o período que Bretton Woods vigorou a maior presença do Estado na economia, o que possibilitou a promoção de ciclo virtuoso no investimento, pois além da participação direta nos investimentos públicos, o período de estabilidade fazia com que as expectativas dos agentes fossem positivas; o que, por sua vez, aumentava o investimento privado. Já nos fins da década de 60 o crescimento deixou de ser tão vigoroso que viria a culminar com a crise dos anos 1970 e o fim de *Bretton Woods*.

Diversos fatores tiveram papel no colapso de Bretton Woods, entre eles podemos destacar, o fato de o dólar ter se tornado excessivos em relação a demanda, a expansão do

² Apesar de fixadas as taxas de câmbio podiam ser reajustadas sob controle do FMI, entretanto o câmbio fixo fazia com que os desequilíbrios tivessem que ser revertidos com política monetária ou fiscal e não cambial, os países podiam exercer a política monetária mais conveniente ao seu nível de atividade.

³ A restrição a mobilidade de capitais perdurou até 1958.

⁴ Sinteticamente o trilema diz que não é possível obter simultaneamente as três condições 1. Uma política monetária autônoma; 2. Taxa de câmbio fixa e 3. Livre movimento de capitais para uma maior discussão sobre o trilema ver Gilpin (2004).

comércio internacional, avanços tecnológicos especialmente em telecomunicações que possibilitaram maior velocidade nas transações internacionais de moedas.

Em 1971 em decorrência das crescentes pressões sobre a moeda americana, o presidente Richard Nixon rompeu unilateralmente o acordo de Bretton Woods, provocando o esfacelamento do já combalido sistema de conversibilidade em ouro. Após o fim de *Bretton Woods*, em 1973 os choques do petróleo e a desvalorização do dólar acabaram efetivamente com a estabilidade do sistema monetário. Na década de 80 ocorreu uma crescente liberalização financeira, com a desregulamentação do setor de serviços financeiros e abertura comercial, criando o cenário ideal para o triunfo do fenômeno da globalização tal qual conhecemos.

A queda do muro de Berlim em 1989 encerra o período da guerra fria, com o triunfo capitalista e a expansão do crescimento norte-americano os Estados Unidos gozavam de baixa inflação com um nível baixo de desemprego, o resto do mundo estava em recessão, para muitos isso foi suficiente para acreditar que os Estados Unidos haviam criado um novo tipo de capitalismo que superava os problemas do capitalismo predecessor, como descrito por Gilpin (2004 p.15):

"Para muitos, esta Nova Economia Americana (NEA) fora criada por várias tendências importantes, entre elas a liberação dos mercados do excesso de regulamentações governamentais, o enxugamento e a reestruturação de corporações americanas e a rapidez dos avanços tecnológicos (especialmente o computador, as tecnologias da informação e a Internet). Além disso a globalização econômica, os índices altos de crescimento da produtividade e a abertura da economia americana às importações haviam mantido os preços baixos e amortecido as pressões inflacionárias, permitindo que o Federal Reserve (o banco central americano) desse prosseguimento a políticas econômicas expansivas. Por outro lado, a redução do déficit orçamentário federal, a alta qualidade da gestão empresarial e o novo vigor da capacidade americana de empreendimento tornaram a economia americana mais capaz que seus competidores japonês e europeu de tirar vantagem da economia da Internet e da inevitável evolução das economias avançadas dos setores de produção para os de serviço. Estes desdobramentos haviam aumentado muito a competitividade internacional da economia americana."

Com a crescente diminuição da presença do Estado, surgiram inovações tecnológicas e novos produtos financeiros alterando o modo de funcionamento em especial do setor bancário.

No fim da década de 90, ocorreram muitas fusões e aquisições entre empresas, essas fusões e aquisições deixaram de ser locais e passaram a ser também internacionais. Muitos países, (em especial os em desenvolvimento) não tinham como fornecer condições necessárias para o pleno aproveitamento dos ganhos originados de economias de escala, escopo e financeiras, resultantes dos menores custos de captação de recursos. Consequentemente iniciou-

se um processo de internacionalização dos bancos e de desnacionalização dos sistemas financeiros nacionais, em especial em países em desenvolvimento da periferia.

Ocorreu ainda nos anos 90 a transnacionalização de empresas do setor produtivo dos países em desenvolvimento, em consonância com as medidas que deviam ser adotadas pelos países latino americanos em desenvolvimento de acordo com o Consenso de Washington⁵ (1989), o que, por sua vez, promoveu uma expansão da demanda por serviços financeiros internacionalmente.

Em síntese a era da globalização financeira se estabeleceu graças a pungente internacionalização do capital consequente das alterações no funcionamento do sistema financeiro internacional que tinha sido estabelecido em Bretton Woods.

1.2 Globalização em suas dimensões financeira e produtiva.

1.2.1 Globalização Financeira

A globalização financeira, iniciada na década de 1970, mais especificamente com a ruptura do sistema financeiro internacional criado em *Bretton Woods*, possibilitou a livre movimentação e a valorização exponencial dos fluxos financeiros, permitindo assim, a ampliação da acumulação financeira por meio de ativos financeiros (ações, títulos das dívidas, *commercial papers*, etc.). Com isso, as empresas passaram a privilegiar as aplicações financeiras, em detrimento dos investimentos produtivos, e a dinâmica dos sistemas financeiros (nacionais e internacionais) passou a influenciar fortemente a evolução da renda e do emprego em escala mundial (Chesnais, 1997).

Esse processo de globalização financeira foi impulsionado pelas decisões de políticas tomadas pelo governo dos Estados Unidos, que durante da crise da década de 1970 buscou reforçar o poder de suas instituições bancário-financeiro por meio da desregulamentação do sistema bancário dos EUA. Com essa estratégia, Estados Unidos assumiram um novo papel no sistema financeiro e monetário mundial com a ampliação do papel desempenhado pelo dólar (moeda de curso internacional em todas as funções, sobretudo na condição de reserva de valor) (Serrano, 2002).

⁵ Consenso de Washington recomendação internacional elaborada em 1989, a com a intenção de combater as crises e misérias dos países subdesenvolvidos, sobretudo os da América Latina através de medidas neoliberais.

De forma mais específica, Gonçalves (2004) identifica a globalização financeira a partir de três processos distintos que ocorreram ao longo das duas últimas décadas sendo eles: i) a expansão dos fluxos financeiros internacionais; ii) o aumento da disputa nos mercados internacionais de capitais; e iii) a crescente integração entre os sistemas financeiros dos países.

Entre 1987 e 1996, houve um expressivo aumento nos fluxos financeiros internacionais, o fluxo total de empréstimos internacionais, por exemplo, aumento de US\$ 395 bilhões para US\$ 1.597 bilhões nesse período, taxa anual de crescimento de 17% muito maior do que a taxa de crescimento do PIB nesse período (BAUMANN et. al., 2004). Além dos empréstimos, também ocorreu, entre 1980 e 2012, o aumento da liquidez internacional (estoque das reservas internacionais) que cresceu 25 vezes, ao passo que o PIB mundial cresceu apenas 7 vezes (PINTO & GONCALVES, 2015).

Esses elementos, dentre outros, evidenciam uma grande expansão dos fluxos financeiros entre as nações. Expansão esta que se intensificou entre o fim dos anos 80 e a década de 90, e esse movimento decorre do processo de internacionalização financeira e de expansão do setor bancário, que transitou da sua posição de banco comercial para banco de investimento com o processo de liberalização que possibilitou a criação de novos ativos financeiros.

No que tange ao acirramento da concorrência internacional, Gonçalves (2004) destaca o acirramento concorrencial entre bancos e instituições não-bancárias, uma vez que as instituições não bancárias, com a desregulamentação, podem se financiar com a emissão de ações ou de títulos privados no mercado. Um dos componentes desse acirramento foi o aumento do fluxo de capitais internacionais para os países emergentes, onde esses novos mercados passaram a ter seus próprios centros para aplicação e intermediação de recursos, que apesar de jovens em comparação com as bolsas de valores dos países desenvolvidos, são expressivos em valor de mercado.

Conforme a tabela 1 abaixo evidência entre as vinte maiores bolsas do mundo, há algumas que existem há apenas três décadas provenientes de mercados emergentes.

Tabela 1- Vinte maiores bolsas do mundo por capitalização de mercado, total de empresas listadas e anos desde sua fundação.

Bolsa	Capitalização de mercado US\$ bilhões	Anos	Número de empresas listadas
NYSE	19223	224	2400
NASDAQ	6831	45	3058
LSE	6187	215	3041
TSE	4485	138	2292
SSE	3986	26	1041
HKEX	3325	125	1866
Euronext	3321	16	1299
TSX	2781	155	1524
SZSE	2285	29	1420
FSE	1766	431	3769
BSE	1682	141	5749
NSE	1642	24	1696
SIX	1516	21	262
ASX	1272	29	2166
KRX	1251	11	2030
NASDAQ NORDIC	1212	13	564
JSE	951	128	472
MSE	942	185	175
TWSE	861	55	758
BM&F BOVESPA	824	126	365

Fonte: <https://stockstotrade.com/major-stock-exchanges-in-the-world-infographic/>

Quanto a maior integração dos sistemas financeiros nacionais, cresceu a proporção de ativos financeiros emitidos por residentes na mão de não residentes. Nos cinco primeiros anos da década de 90, o estoque de bônus de capitais emitidos no mercado internacional foi maior do que os emitidos dentro dos países desenvolvidos (Gonçalves, 2004).

Em linhas gerais, Gonçalves (2004), Pinto & Gonçalves (2015) e Pinto (2005) identificam os seguintes determinantes da globalização financeira: i) A ascensão do pensamento liberal ao longo da década de 80 e a onda de desregulamentação do sistema financeiro internacional em decorrência do colapso de Bretton Woods; ii) Mudanças institucionais no sistema financeiro, o fim de Bretton Woods que provocou um processo de inovação e adaptação institucional do sistema financeiro, a criação de novos instrumentos financeiros para a proteção a riscos e incertezas, como por exemplo o mercado de derivativos de moedas e de taxas de juros; iii) O desenvolvimento tecnológico das telecomunicações e a criação da informática que reduziu os custos de transação e operacionais em escala global, barateando as operações financeiras; iv) Mudanças nas estratégias de investidores institucionais e das empresas transnacionais (ETs) que operam em escala mundial: fundos de pensão, companhias de seguro e fundos mútuos como estratégia para lidar com os próprios limites de expansão dos mercados

de capitais e a instabilidade das taxas de juros e câmbio deslocaram seus investimentos apenas dos países desenvolvidos para os mercados emergentes; e 5) Fatores sistêmicos, pois a globalização financeira integra um movimento de acumulação global caracterizado pelas dificuldades de expansão da esfera produtiva real. Essas dificuldades de expansão justificam-se por; países desenvolvidos apresentarem menor potencial de ampliação dos mercados domésticos e terem alta disponibilidade de capital, logo há um deslocamento de recursos da esfera produtiva para a esfera financeira, o que provoca a expansão do mercado de capitais doméstico e internacional. Ademais, ocorreram mudanças nas estruturas produtivas dos países, com base em aquisições e fusões de empresas, que envolveram fluxos de capitais internacionais.

Em síntese, a maioria dos fatores determinantes da globalização financeira advém da liberalização financeira, que, por sua vez, foi impulsionado pelas decisões do governo norte-americano que buscava ampliar os espaços para circulação de seus capitais, o que evidencia a característica política desse fenômeno.

1.2.2 Globalização Produtiva

O processo de Globalização Produtiva que também resulta do avanço da internacionalização da produção, do acirramento da concorrência internacional e da maior integração entre as estruturas produtivas das economias nacionais vai ganhar força na década de 1990 como o avanço do processo de acumulação flexível, marcado pelas novas da gestão do trabalho e da utilização de padrões de automação informatizada (base microeletrônica) e da teleinformática. Isso possibilitou o surgimento de novas formas de organização industrial, articulada a desconcentração espacial da produção com a manutenção do controle. Naquele contexto também começou a se configurar uma combinação de estrutura mais horizontalizada da grande firma e a integração entre a grande empresa e as diversas unidades menores subcontratadas em redes hierarquizadas, processo este denominado de terceirização (Pinto 2005).

Dado esse elementos, as empresas multinacionais (empresas não bancárias e bancos) conseguiram expandir seus ativos em escala internacional e ao mesmo tempo ampliar o seu controle e centralização de capital. Isso também serviu para reforçar a ampliação das operações dessas firmas no âmbito mundial por meio do crescimento, tanto das relações de terceirização entre firmas localizadas a milhares de quilômetros umas das outras quanto da “deslocalização” de tarefas rotineiras nas indústrias. Esta dinâmica, por um lado, levou a uma maior concentração

e centralização do capital, uma vez que os investimentos internacionais cruzados e as fusões-aquisições entre as multinacionais, principalmente nos EUA, Japão e Alemanha, consubstanciaram uma elevada concentração da oferta mundial, e, por outro lado, possibilitou a fragmentação de processo de trabalho e as novas formas de “trabalho em domicílio” (CHESNAIS, 1996; Pinto, 2005).

Essa internacionalização da produção ocorreu por meio do comércio internacional, do investimento estrangeiro direto (IED) e das relações contratuais, sendo que estes dois últimos fatores são os que tem relevância, no que tange a inserção produtiva dos países no sistema econômico internacional.

A abertura comercial é uma característica marcante da era da globalização, a redução de barreiras comerciais e tarifárias possibilitou maior concorrência entre as empresas nacionais e internacionais, criando o acirramento da competição pelos mercados. Entretanto, o aumento da concorrência entre os países no mercado global é de difícil mensuração. Algumas informações do nível de concorrência entre os países podem ser extraídas da análise da competitividade e do uso da tecnologia.

Na década de 2000, a globalização produtiva assumiu a forma das Cadeias Globais de Valor e expressa a ampliação da fragmentação produtiva em curso desde a década de 1990. Essa nova forma de organização da produção somente se configurou em virtude: i) dos novos padrões de automação informatizada e da teleinformática; ii) das mudanças nas estratégias empresariais das corporações multinacionais que buscaram reduzir custos de transação; e iii) as mudanças regulatórias internacionais associadas aos processos de liberalização do comércio e dos investimentos (Pinto et. al., 2016).

A globalização produtiva, com isso, para as grandes multinacionais da Ásia desenvolvida, dos Estados Unidos e da Europa um maior controle e expansão de seus ativos em escala internacional, possibilitando a exploração de ganhos de escala, a partir de dois mecanismos: i) a expansão crescente de suas filiais (novas unidades) descentralizadas geograficamente via investimento estrangeiro direto (IED); e ii) por meio do processo de terceirização da atividade produtiva (outsourcing), configurando novas formas de organização industrial em que ocorrem a “deslocalização” e a “desverticalização” do processo manufatureiro de partes dos componentes antes produzidos na fábrica central do grupo em um país desenvolvido (Pinto, 2011; Pinto e Gonçalves, 2014; (Pinto et. al., 2016).).

1.3 A dimensão ideológica da Globalização

O conceito de globalização por si só, parece legitimar-se, de modo que o próprio conceito seria ideológico, uma das principais características das representações ideológicas é seu poder de autolegitimação e naturalização dos fenômenos. Portanto, a globalização é um discurso ideológico que deveria ser seguido para a obtenção do desenvolvimento econômico e social.

No pós-guerra-fria a derrocada do socialismo, foi considerada uma vitória do capitalismo da economia pura de mercado. Os Estados Unidos tornaram-se, por sua vez, o país que ditava as regras da economia mundial, portanto o fim da guerra fria não trouxe apenas o triunfo do capitalismo, mas também a ascensão do processo de globalização.

Sob a alcunha da globalização uma série de políticas econômicas liberalizantes foram implementadas pelo mundo todo, cito Batista Jr. (1998)

“Do ponto de vista de certo tipo de governo, a ideologia da "globalização" pode ser de grande utilidade. É uma linha de argumentação que desfruta da eterna popularidade das explicações que economizam esforço de reflexão. Serve, muitas vezes, de cortina de fumaça. "Globalização" vira uma espécie de desculpa para tudo, uma explicação fácil para o que acontece de negativo no país. Governos fracos e omissos servem-se dessa retórica para isentar-se de responsabilidade, transferindo-a para um fenômeno impessoal e vago, fora do controle nacional. A ampla divulgação de avaliações superficiais das tendências internacionais acaba contribuindo para obstruir o debate sobre a política econômica e social e para dificultar a identificação dos erros das autoridades governamentais”

Ainda segundo Batista Jr. (1996) de uma perspectiva histórica a globalização é um conceito novo para um processo que remonta à expansão europeia que teve início no fim do século XV. Junto com a ascensão do fenômeno da globalização ocorreu a ascensão do ideário neoliberal, que por sua vez serviu como pano de fundo para implementação de políticas que visavam a flexibilização do mercado de trabalho e o desmonte do Estado de Bem-Estar Social.

O neoliberalismo pregava ajustamentos estruturais ao processo de Globalização, o que significava aceitar determinadas externalidades que em tese desapareceriam à medida que as economias se ajustassem ao novo. Entretanto, o que foi visto na prática em decorrência da ação da globalização e do neoliberalismo, foi uma redução dos salários reais dos trabalhadores com o processo de fragmentação da produção; privatizações levaram a demissões coletivas; o desenvolvimento tecnológico também acabou por encerrar com determinadas atividades.

Com a ascensão do neoliberalismo e da crescente competição global, aumentou muito o de dumping social⁶, que por sua vez, restringe a abrangência da rede de proteção social, nivelando por baixo os salários fazendo com que os países periféricos passem a competir entre si com o objetivo de atrair maior investimento estrangeiro por meio dos salários mais baixos de sua força de trabalho.

O fenômeno da globalização encontrou um ambiente favorável nos países desenvolvidos onde existia a divulgação e a aceitação de propostas neoliberais, designadamente a flexibilização e desregulamentação do trabalho e a não-obrigação do Estado em termos de proteção da sociedade. Essas propostas, por sua vez, não tardaram a ser exportadas aos países em desenvolvimento, como condições necessárias ao desenvolvimento.

No âmbito político a maior integração da economia mundial acarretou em desigual, perda de soberania por parte de alguns Estados (em especial os em desenvolvimento e historicamente dependentes), sendo que a globalização parece relacionar-se mais com extensão e domínio do que com uma real modificação do paradigma da estrutura socioeconômico.

⁶ Dumping social são as agressões aos direitos trabalhistas que geram um dano à sociedade, precarizando as relações de trabalho, na medida em que, com tal prática, desconsidera-se, propositalmente, a estrutura do Estado social e do próprio modelo capitalista com a obtenção de vantagem indevida perante a concorrência.

CAPÍTULO II- A DINÂMICA INSTÁVEL DOS EUA, SOB EFEITO DA GLOBALIZAÇÃO (PRODUTIVA E FINANCEIRA): DO BOOM À CRISE

Este capítulo tem como objetivo analisar o desempenho da economia dos EUA na década de 2000, sob efeito da globalização (produtiva e financeira) a partir das principais variáveis macroeconômicas.

Para tanto, o capítulo está dividido em mais três seções. A primeira (seção II.1) descrever brevemente o comportamento da economia dos Estados Unidos nos anos 1990 com o objetivo de comparação com o desempenho da década de 2000. Na segunda (seção II.2) analisa-se o desempenho da economia nos anos 2000 a partir das Contas Nacionais dos EUA, destacando o nível de endividamento do governo, das empresas e das famílias. A terceira seção (II.3), discute, por sua vez, alguns efeitos da financeirização e da globalização produtiva para a economia norte americana durante os anos 2000.

II.1 A economia dos Estados Unidos nos anos 1990: a consolidação da financeirização

A antes da análise da dinâmica economia dos EUA nos anos 1990, faz necessário apresentar os principais fatos estilizados da evolução econômica dos Estados Unidos na década de 1980, já que aquele período vai dar os principais contornos (econômico e institucionais) para a trajetória dos anos 1990.

Em primeiro lugar, cabe destacar que a década de 80 foi para os Estados Unidos um período de inovações financeira (desregulamentação do sistema bancário e de crédito) e produtiva (início ainda tímido do processo de fragmentação produtiva com deslocamento da produção industrial dos EUA para outras regiões), que criaram as bases para a retomada da hegemonia norte-americana sobre o resto do mundo.

Os principais eixos dessa retomada dos EUA, segundo Tavares (1997) e Pinto (2011), que buscava recuperar a competitividade de suas empresas e recompor a posição do dólar como reserva de valor, foram: i) a restauração liberal conservadora, sustentado na ideia de liberalização e desregulamentação; ii) redisciplinamento do mundo do trabalho por meio dos ataques aos sindicatos; iii) controle americano do sistema monetário-financeiro internacional

por meio da estabilização do padrão dólar flexível; iv) reenquadramento dos aliados e concorrentes dos Estados Unidos por meio da diplomacia do dólar forte – política Volcker de elevação da taxa de juros em 1979 – das armas por meio do projeto guerra nas estrelas

A liberalização do sistema bancário norte-americano, associado ao aumento da taxa de juros em 1979 (política Volcker), durante os anos 80, vão criar as bases propícias, por um lado, para a financeirização de sua economia e, por outro, para a expansão de suas empresas (sobretudo as financeiras) para outros mercados.

A expansão tecnológica produtiva, em consonância a crescente abertura de mercados, fruto globalização impulsionada pela retomada da hegemonia americana, possibilitou a ampliação da atuação de empresas multinacionais de capital americano em outros países, sobretudo na década de 1990. Com isso, os EUA consolidavam-se como uma economia apoiada na rentabilidade não só do seu mercado doméstico, mas também dos outros mercados nos quais passaram a investir.

No primeiro momento, a globalização financeira e produtiva foi um fenômeno benéfico para os EUA, e tinha um caráter negativo para o resto do mundo, já que as economias dos outros países ficavam expostas a volatilidade do câmbio e não tinham como prover acumulação de capital através da reprodução expandida, sofrendo sucessivos processos de desvalorização de seu capital, o que por sua vez culminava na solicitação de empréstimos ao FMI e ao Banco Mundial (Harvey, 2004).

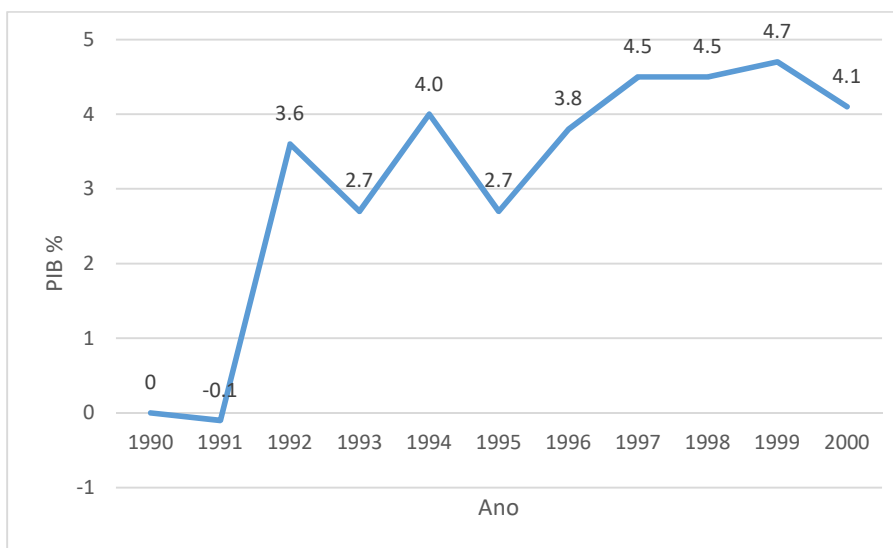
O outro eixo importante da globalização, impulsionada pela retomada da hegemonia dos EUA, foi o ideológico, marcado pela ascensão do neoliberalismo, que teoricamente deveria representar a redução do papel do Estado, o equilíbrio fiscal e a redução dos impostos.

Depois do baixo crescimento nos anos 1980, a economia norte americana voltou a crescer de forma expressiva na década de 90, sobretudo a partir de 1992 (Gráfico 1). Esse crescimento foi impulsionado pela revolução da informática do Vale do Silício, que geram ganhos de produtividade para a Nova Economia⁷; pela redução da taxa de juros do FED (Gráfico 2); e pelos impactos do processo de financeirização que gerou expressiva alavancagem do crédito, com a desregulamentação, e ampliação dos estoques de ativos financeiros (ações,

⁷ A “Nova Economia” estruturava-se a partir das novas tecnologias de comunicação e de informação e de suas respectivas indústrias (TIC). Em meados da década de 1990, muitos economistas apoloéticos acreditavam que essa nova estrutura econômica estaria criando uma nova forma estrutural de acumulação capitalista, na qual a riqueza não mais seria originária do trabalho manual e sim do trabalho intelectual que teria na ciência, na tecnologia e no capital humano suas fontes geradoras.

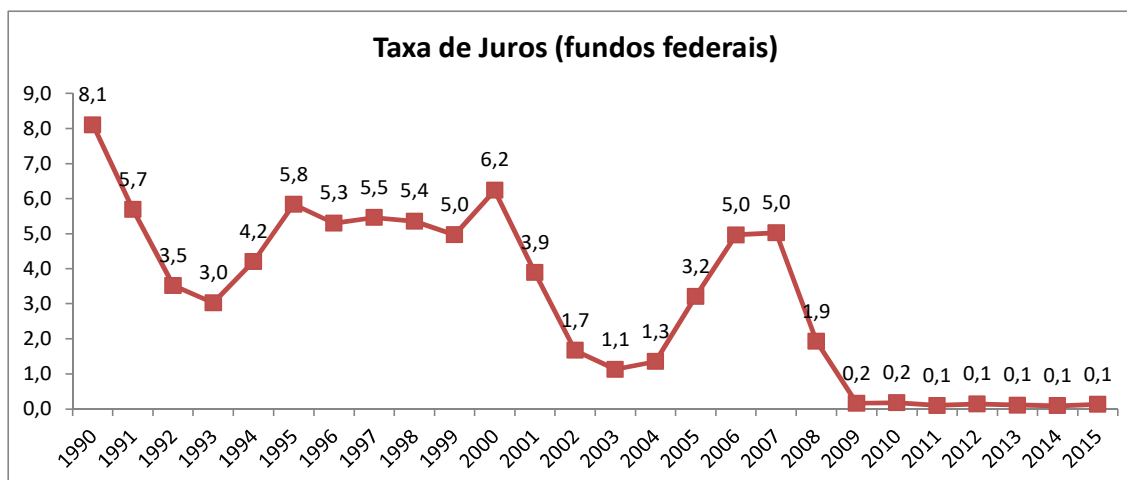
bônus, hipotecas, comercial papers, notas, etc.) das famílias e empresas norte-americanas. Com isso, o padrão de acumulação dos EUA na década de 1990 foi fortemente influenciado pelo novo papel desempenhado pelos setores financeiros.

Gráfico 1- Evolução taxa de crescimento do PIB americano na década de 1990 (%)



Fonte: Gráfico elaborado com os dados do BEA, [National Income and Product Accounts Tables](#): Table 1.1.5. Nominal GDP, Table 1.1.1. GDP Growth Rate. Table 1.1.6 Real Gross Domestic Product, Adjusted for inflation using 2009 dollars.

Gráfico 2- Evolução taxa de juros (fundos federais) dos EUA: 1990-2015 (%)



Fonte : Ipeadata

Até o Alan Greenspan, um dito keynesiano, que assume a presidência do FED em 1987 (posto esse que só abandonaria em 2006), passou a acreditar que não havia, à época, bolha financeira com a elevação dos preços das ações das empresas norte-americanas, pois esses aumentos seriam fruto dos ganhos de produtividade da Nova Economia que estaria propiciando

o aumento das rendas, impactando positivamente no mercado acionários (PINTO, 2005). Ele chegou a afirmar em 1999, que:

Algo especial aconteceu à economia americana [...] As sinergias que se desenvolveram, em especial entre as tecnologias de microprocessamento, de laser, fibras óticas e satélites, dramaticamente elevaram as taxas potenciais de retorno em todos os tipos de equipamento incorporando ou utilizando essas novas tecnologias. Além disso, as inovações em tecnologia de informação começaram a alterar a maneira como fazemos negócios e criamos valor, com frequências de forma que não eram de imediato previsíveis menos de cinco anos atrás (GREENSPAN apud Pinto, 2005, p.75).

Com isso, a política monetária do FED, sob gestão do Greenspan, seguiu em consonância com a cartilha neoliberal, o que acabou por promover a alavancagem financeira que posteriormente provocou expansões de bolhas financeiras que quando estouraram levaram a economia norte americana para a crise.

Com esse novo padrão de acumulação financeirizado ocorreu um grande crescimento do mercado de futuros nos anos 1990, a abertura da NYMEX (1988) mercado que negocia preços futuros commodities expandiu a especulação financeira para o mercado de commodities, em especial o preço do petróleo.

A vitória eleitoral de Bill Clinton em 1992 vai acelerar o projeto em curso de desregulamentação do mercado financeiro, de liberalização comercial e produtiva.

A ampliação do padrão de acumulação financeirizado dos EUA, articulado a redução da taxa de juros (Gráfico 2), contribuíram para a recuperação da recessão de 1990-1991, engatando em um período de crescimento com baixa inflação e baixo desemprego, especialmente na segunda metade da década (de 1995 a 1999), quando os preços das ações subiram cerca de 24% ao ano. Entretanto, a despeito do crescimento, os mecanismos que proporcionaram esse crescimento criaram produziu instabilidades (bolhas no mercado acionário e alavancagem do crédito) para economia americana que acabariam culminando em crise nos anos 2000.

No final da década de 1990, a bolha no mercado acionários de empresas de tecnologia (as empresas ponto.com) estourou, com isso, a economia dos Estados Unidos desacelerou fortemente em 2001 (crescimento de 1% - Gráfico 4)

A saída daquela crise vai ser a própria semente da crise do final da década de 2000, pois o remédio foi a redução da taxa de juros com a manutenção da desregulamentação do sistema financeiro. Aquela injeção de liquidez na economia, promovida pela redução da taxa de juros, criou uma onda de expansão no crédito (alavancagem do crédito muito acima do crescimento da renda), o que, por sua vez, expandiu o consumo, reativando a economia por um caminho de

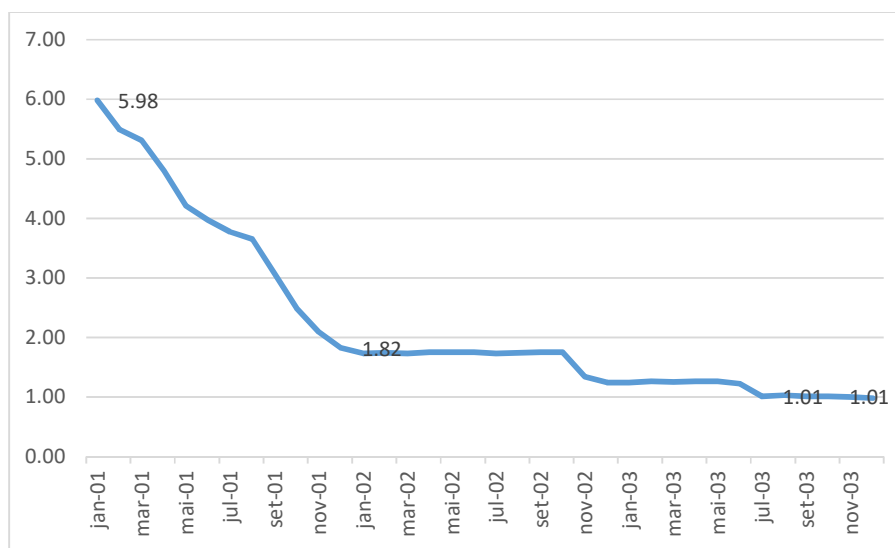
instabilidade e de forma dependência do manejo da taxa de juros, criando o cenário perfeito para a nova bolha (*subprime*).

II.2 A economia americana nos anos 2000

Em decorrência da intensificação da globalização financeira e produtiva, a economia americana inicia os anos 2000 lidando com o estouro da bolha das empresas “ponto com”. Ainda sob impacto dessa crise, ocorreram os atentados de 11 de setembro de 2001, já no primeiro ano de mandato de George W. Bush, que criaram uma enorme incerteza econômica, justamente quando os Estados Unidos se recuperavam da recessão.

Naquele cenário, o governo Bush reduziu impostos e juros para combater a recessão, bem como reduziu seus gastos de custeio. No tocante dos juros, o FED promoveu sucessivas reduções na taxa de juros de 2001 até 2003 com o intuito de ampliar a liquidez no sistema financeiro e reativar a economia (era 6% em janeiro de 2001 foi para 2,5% em outubro do mesmo ano) chegando a 1% em julho de 2001 (Gráfico 2 e 3).

Gráfico 3- Taxa de juros americana de 2001 a 2003 em (%)



Fonte: Gráfico elaborado com dados do site Federal Reserve Economic Data disponível em Federal Reserve Bank of St. Louis <https://fred.stlouisfed.org/series/FEDFUNDS>

No que tange aos impostos, a primeira medida do governo Bush para combater a recessão foi o Economic and Growth Tax Relief Reconciliation Act of 2001 (Lei de Crescimento Econômico e Reconciliação Tributária de 2001) que fez mudanças significativas nas regras do plano de aposentadoria e reduziu o imposto de renda pessoal. Em maio de 2003 o congresso americano aprovou a Lei de Reconciliação do Auxílio Fiscal de Crescimento e Emprego de 2003 (JGTRRA- Jobs Growth Tax Relief Reconciliation Act of 2003) que diminuiu os impostos sobre as receitas provenientes de dividendos e ganhos de capital.

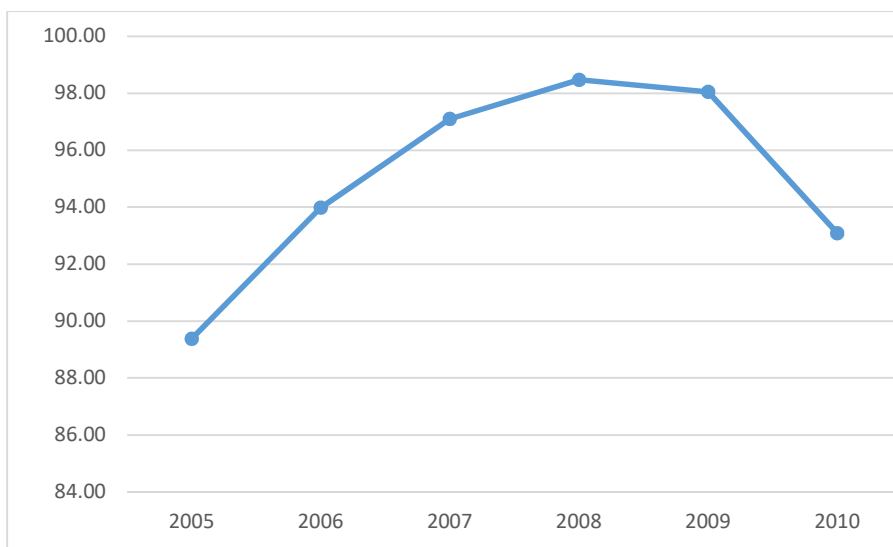
A economia americana respondeu positivamente aos cortes de juros e impostos, havia mais dinheiro circulando na economia, as sucessivas reduções na taxa de juros, baratearam o crédito⁸ criando estímulo ao consumo e barateando as hipotecas estimulando o mercado imobiliário. A diminuição dos impostos sobre ganhos de capital e dividendos fomentou o investimento no mercado acionário. A JGTRRA reduziu os custos de compra de ações, tornando as mesmas mais atraentes que os títulos.

As empresas passaram a emitir mais ações que pagam dividendos do que títulos, em consequência da JGTRRA, com isso, o total de pagamento de dividendos aumentou 20% de 2003 para 2012. Parte da remuneração de altos executivos passou a ser paga em ações e opções de ações, já que a carga tributária sobre os dividendos havia sido reduzida (AMADEO, 2018).

O PIB reagiu a redução dos juros e dos impostos, apresentando melhora entre 2003 e 2005. Em 2004, verificou-se um movimento de reversão nas taxas de juros que passou a subir para desacelerar a economia (Gráfico 2). Entretanto, essa política não obteve os resultados esperados e ainda contribuiu para o aumento da inadimplência de empréstimos e hipotecas, dado que as taxas de juros subiram em um período em que o nível de endividamento das famílias era elevado (Gráfico 4) em virtude dos estímulos anteriores (desregulamentação e redução dos juros).

⁸ Reduções na taxa de juros baratearam o crédito e instituições financeiras passaram a emprestar sem maiores controles a famílias que não tinham capacidade de pagar seus empréstimos quando a taxa de juros subisse, mesmo quem estava desempregado e não tinha renda nem patrimônio conseguia pegar empréstimos em vários casos dando a própria casa como garantia.

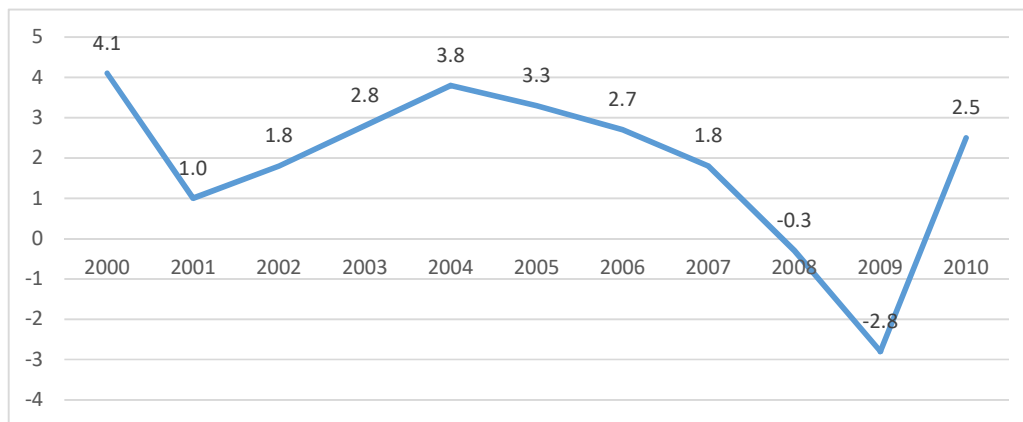
Gráfico 4- Nível de Endividamento das famílias em parcela do PIB



Fonte: Gráfico elaborado com os dados do BEA, International Monetary Fund, Household Debt to GDP for United States [HDTGPDUSQ163N], retrieved from FRED, Federal Reserve Bank of St. Louis; <https://fred.stlouisfed.org/series/HDTGPDUSQ163N>, July 16, 2018.

Esse aumento da inadimplência dos empréstimos e hipotecas vai ser o germe da crise (subprime) no mercado imobiliário americano que vai atingir a economia dos EUA como um todo e também a toda economia mundial. Os EUA experimentaram crescimento menor já em 2007, em 2008 ano da crise do *subprime* o PIB foi de -0,3% e em 2009 de -2,8%. A economia americana só voltou a crescer em 2010, ainda assim não apresentava resultados consistentes que restaurassem a confiança, já que em 2011 cresceu apenas 1,6% (Gráfico 5).

Gráfico 5 - PIB americano anos 2000 em (%)



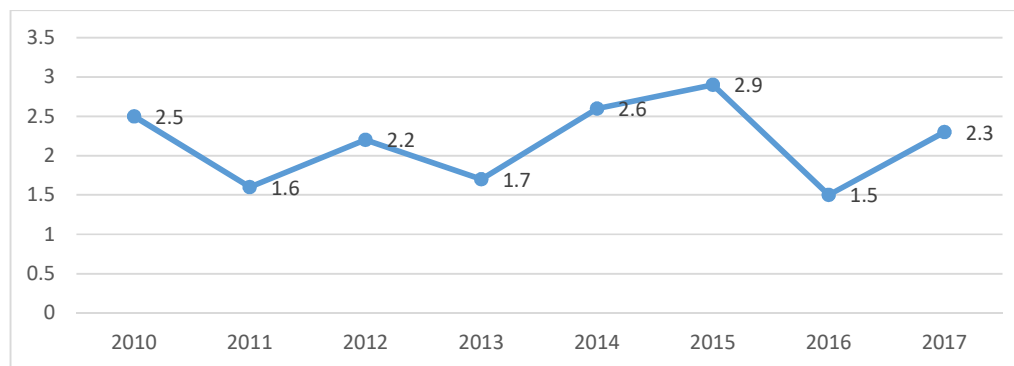
Fonte: Gráfico elaborado com os dados do BEA, National Income and Product Accounts Tables: Table 1.1.5. Nominal GDP, Table 1.1.1. GDP Growth Rate. Table 1.1.6 Real Gross Domestic Product, Adjusted for inflation using 2009 dollars.

Quanto à crise de 2008 é necessário comentar, que a própria guarda em muito relação com o processo de globalização financeira, quando na década de 70 houve um esforço de desregulamentação do sistema bancário, ocorreram inúmeras inovações financeiras, não foi por acaso que os títulos⁹ hipotecários tenham sido a semente da crise.

Os bancos passaram a vender os CDOs (Collateralized Debt Obligation) no mercado e quando da inadimplência das hipotecas e dos empréstimos ficaram sem lastro, esses títulos ao serem executados (eles eram garantias de dívidas) alastraram o efeito por todo o sistema financeiro. Culminando na chamada segunda-feira negra (15 de setembro de 2008) quando ocorre a falência do Lehman Brothers. Muitos bancos relataram percas bilionárias, o FED teve que os socorrer para que continuassem funcionando.

O governo americano interveio fortemente na economia tentando conter a crise, entretanto mesmo com as políticas anticíclicas, não houve uma rápida retomada do crescimento, a recuperação foi lenta e vacilante, de modo que não foi alcançado os níveis de crescimento dos anos anteriores à crise (Gráfico 6).

Gráfico 6- PIB americano de 2010 a 2017 em porcentagem



Fonte: Gráfico elaborado com os dados do BEA, National Income and Product Accounts Tables: Table 1.1.5. Nominal GDP, Table 1.1.1. GDP Growth Rate. Table 1.1.6 Real Gross Domestic Product, Adjusted for inflation using 2009 dollars.

Entre as primeiras medidas tomadas pelo governo Bush para conter a crise, podemos destacar: i) garantia as contas bancárias ii) redução das taxas de juros ii) intervenção do FED e do tesouro em instituições financeiras e não financeiras com problemas de insolvência; iii)

⁹ Denomina-se CDO ao produto financeiro estruturado que agrupa ativos geradores de fluxo de caixa e reempacota esse conjunto de ativos em parcelas discretas que podem ser vendidas aos investidores. Um CDO é denominado pelos ativos comuns - hipotecas, títulos e empréstimos - que são obrigações de dívida que servem como garantia para o CDO.

criação do TARP (Troubled Asset Relief) e do HERA (Housing and Economic Recovery Act). (Pinto, 2011)

O TARP foi assinado em outubro de 2008, como tentativa de aumentar a liquidez dos mercados hipotecários através da recompra dos MBS¹⁰ (Mortgage Backed Security) ilíquidos reduzindo as perdas das instituições que os possuíam, o TARP conferiu ao Tesouro um poder de compra de US\$ 700 bilhões, para adquirir títulos hipotecários ilíquidos e outros ativos de instituições-chave em uma tentativa de restaurar a liquidez para os mercados monetários.

O governo comprou ações preferenciais em nove bancos, sendo eles: Bank of America, Bank of New York Mellon, Citigroup, Merrill Lynch, Goldman Sachs, JP Morgan, Morgan Stanley, State Street e Wells Fargo, como contrapartida os bancos tiveram que conceder ao governo dividendos de 5% que aumentariam para 9% em 2013, o que deveria ser incentivo para que os bancos recomprassem as ações em cinco anos.

Barack Obama tomou posse no cargo de presidência dos EUA em janeiro de 2009, ano em que a crise mais se aprofundou e o PIB foi de (-2,8%), com a difícil missão de resgatar a economia americana da recessão, a base da política econômica de Obama foi cortar impostos e financiar obras públicas, ademais também aumentou a duração dos benefícios de desemprego.

O congresso americano aprovou o pacote de estímulo fiscal de US\$ 787 bilhões de Obama, denominado ARRA (American Recovery and Reinvestment Act), que foi implementado em fevereiro de 2009 e tinha sete objetivos, a saber: i) alívio para as famílias, através de corte de impostos, créditos fiscais e ampliação do benefício de desemprego; ii) modernização da infraestrutura federal; iii) aumentar a produção de energia alternativa; iv) expansão do acesso a cuidados de saúde; v) melhorar a educação; vi) investimento em pesquisa científica e tecnológica; e vii) ajudar as pequenas empresas.

Existem múltiplos entendimentos para o conceito de financeirização, o termo engloba vários aspectos da ascensão do capital financeiro. Podendo ser entendida como; i) um modo de governança corporativa orientado para o lucro do acionista ii) a crescente dominação dos mercados de capitais sobre os sistemas de financiamento bancário iii) o crescente poder político

¹⁰ MBS – Mortgage Backed Security- título de garantia lastreado em hipoteca ou em cobranças de hipotecas a garantia também deve ser agrupada em uma das duas principais classificações, conforme determinado por uma agência de classificação de crédito credenciada, e geralmente paga pagamentos periódicos semelhantes aos pagamentos de cupom. Além disso, a hipoteca deve ter origem em uma instituição financeira regulamentada e autorizada.

e econômico da classe rentista iv) a proliferação de instrumentos financeiros. No presente trabalho usaremos financeirização como o padrão de acumulação na qual o lucro advém em maioria de canais financeiros, em vez de indústria e comércio de commodities. (CHESNAIS, 1997).

II.3 Financeirização da economia norte americana

A análise dos dados econômicos americanos evidencia um processo de financeirização¹¹ quer seja em consequência da desregulamentação financeira decorrente do processo de globalização ou da mudança estrutural do capitalismo.

Os dados do gráfico 7 abaixo, demonstram a importância do setor financeiro no PIB americano durante a primeira década dos anos 2000.

Gráfico 7- Valor adicionado ao PIB americano em média 2000-2010, por indústria (% PIB)

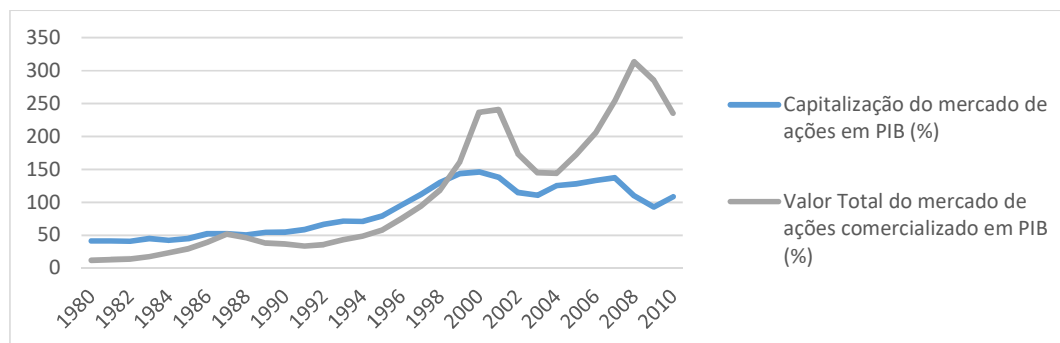


Fonte: Elaborado a partir de dados do Bureau of Economic Analysis disponível em: <https://www.bea.gov/iTable/iTable.cfm?ReqID=51&step=1#reqid=51&step=51&isuri=1&5101=1&5114=a&5113=22r&5112=2010&5111=2000&5102=5>

¹¹ Existem múltiplos entendimentos para o conceito de financeirização, o termo engloba vários aspectos da ascensão do capital financeiro. Podendo ser entendida como; i) um modo de governança corporativa orientado para o lucro do acionista ii) a crescente dominação dos mercados de capitais sobre os sistemas de financiamento bancário iii) o crescente poder político e econômico da classe rentista iv) a proliferação de instrumentos financeiros. No presente trabalho usaremos financeirização como o padrão de acumulação na qual o lucro advém em maioria de canais financeiros, em vez de indústria e comércio de commodities. (CHESNAIS, 1997).

A partir dos anos 1980, ocorreu um aumento gradativo na capitalização do mercado de ações em porcentagem de PIB na economia americana, segundo dados do Banco Mundial em 1980 esse valor era de 41,32%, em 1990 foi de 54,56% e em 1997 passou para 112,10%, o que evidencia o aumento da importância do mercado de ações americano na década de noventa (Gráfico 7).

Gráfico 8- Evolução do mercado de ações em relação ao PIB de 1980 a 2010



Fonte: Gráfico elaborado com dados do World Bank- disponível em: <http://www.worldbank.org/en/publication/gfdr/data/financial-structure-database>

Segundo Khatiwada (2010), a participação do setor financeiro nos lucros corporativos das empresas americanas dobrou em duas décadas, até o meio da década de 1980 era de 17,4% passando de 40% no início dos anos 2000 (Gráfico 9).

Gráfico 9- Crescimento da Incidência de lucros no setor financeiro dos EUA

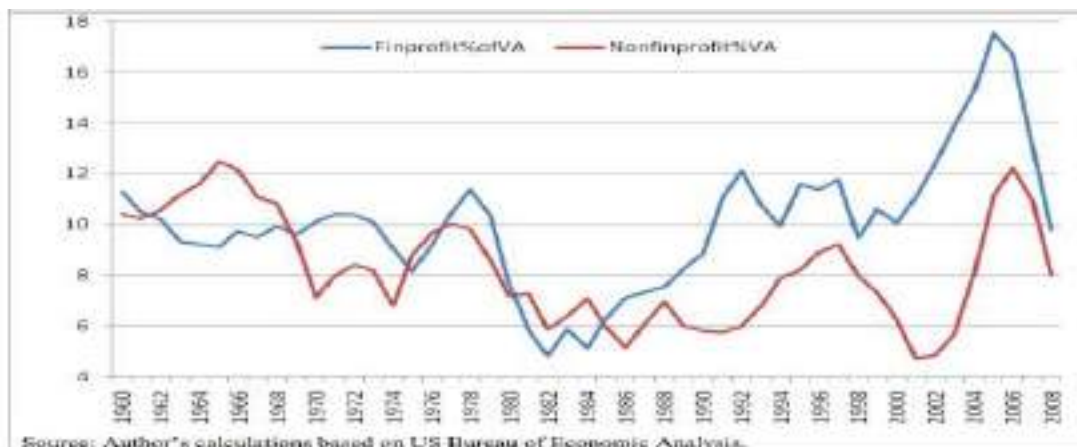


Nota: Expresso em % do lucro corporativo

Fonte: Khatiwada (2010)

Os lucros corporativos traçavam uma trajetória similar em todos os setores, entretanto os lucros do setor financeiro cresceram mais rapidamente do que dos outros setores a partir da segunda metade da década de 1980, mesmo quando houve uma diminuição dos lucros corporativos no início dos anos 2000 os lucros do setor financeiro mostraram uma trajetória estável (Khatiwada, 2010) (Gráfico 10).

Gráfico 10- Lucros dos setores financeiro e não financeiro - como % do valor adicionado para a economia americana, 1960-2008

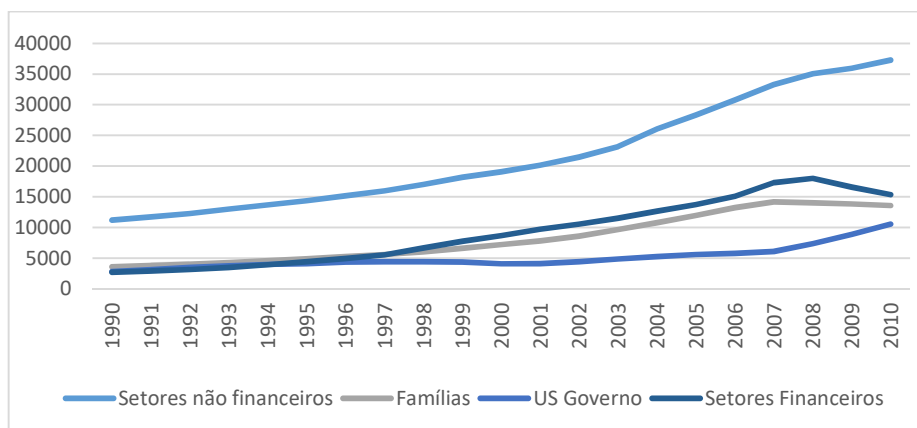


Fonte: Khatiwada (2010)

Outro fator que possibilitou a ascensão da financeirização da economia americana foi o crescente endividamento das famílias americanas (Gráfico 11), este que foi proporcionado não apenas pelo aumento da disponibilidade de crédito, mas também pela falência da noção de direito público à serviços básicos como saúde, moradia, educação. Juntamente as transformações advindas do processo de globalização ocorre a ascensão do conceito de “empresarização” do indivíduo e de monetização da vida.

Em verdade a financeirização promoveu um aumento no endividamento de diversos setores, o gráfico 11 abaixo mostra a porcentagem de endividamento das famílias, do governo e das empresas financeiras e não financeiras.

Gráfico 11- Evolução do endividamento americano em US\$ bilhões de 1990 a 2010



Fonte: Gráfico elaborado com dados do FED- D.3 Debt Outstanding by Sector (1) disponível em: <https://www.federalreserve.gov/releases/z1/current/html/d3.htm>

Os defensores da desregulamentação financeira acreditavam que a financeirização proporcionaria novas maneiras de lidar com o risco através de novos instrumentos como, por exemplo, os *hedge funds*. Para eles, seria possível se prevenir da exposição. Havia uma crença de que o sistema financeiro seria mais estável gerando ganhos para a sociedade.

Durante o processo de financeirização também ocorreram críticas severas a desregulamentação financeira e ao processo amplamente liberalizante do mercado, os keynesianos sempre usaram o argumento de que os mercados financeiros são intrinsecamente instáveis e tendem a gerar ciclos endógenos de expansão-contracção (Minsky, 1982).

A crise de 2008 abalou a perspectiva de que a financeirização gera ganhos ao sistema, abalando a perspectiva otimista dos liberais, entretanto não há ainda afastamento suficiente desta crise para dimensionar os reais impactos da mesma no capitalismo financeiro rentista, é possível verificar uma retração no número de bancos nos EUA de 2008 até hoje, entretanto o sistema financeiro é muito diversificado contendo em si muitas instituições não bancárias.

A globalização financeira mudou o paradigma econômico, transformou o capitalismo, e trouxe a discussão para o que ocorrerá após um longo período de regime de acumulação dominado pelas finanças. Cabendo o seguinte questionamento: é possível gerar riqueza real a partir da financeirização da economia? E em caso afirmativo é possível distribuir essa riqueza equitativamente.

Em linhas gerais, as evidências mostram que a acumulação dominada pelas finanças, tem gerado instabilidades sistêmicas que provocam crises sendo caracterizada por um desempenho econômico insatisfatório, aumento dos níveis de endividamento da economia e priora na distribuição da renda e da riqueza

CAPÍTULO III- CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA E PRODUTIVA NOS EUA: O NOVO NACIONALISMO?

Este capítulo tem como objetivo analisar as principais consequências econômicas da globalização financeiro produtiva, buscando mostrar como a crise da globalização e seus efeitos, sobretudo no que diz respeito ao mercado de trabalho, criou o ambiente fecundo para a ascensão do novo nacionalismo americano.

Para tanto, o capítulo divide-se em três seções. A primeira (seção III.1) busca analisar a evolução do nível de emprego da economia americana com especial enfoque para a queda dos empregos industriais e a migração dos empregos para a Ásia. A segunda (seção III.2) discute-se o comportamento das taxas de lucro dos Estados Unidos de 1990 a 2009 e, por fim, na terceira (seção III.3) trata-se as implicações da crise da globalização no projeto político estadunidense e a ascensão do neonacionalismo americano.

III.1 A economia americana e o desemprego

III.1.1 Análise sobre emprego na economia americana nos anos 2000

As mudanças do capitalismo norte-americano decorrentes da ascensão da globalização e do neoliberalismo em termos gerais provocaram desemprego e precarização do trabalho (para uma discussão do fenômeno do desemprego no âmbito da teoria economia ver box abaixo). A crescente mobilidade de trabalho, bens e capitais decorrente da globalização afetou a indústria manufatureira americana que se encontra em franco declínio.

BOX – Dimensões teóricas do fenômeno do desemprego

Há na teoria econômica uma grande dificuldade em explicar satisfatoriamente o desemprego, se o mercado de fato se auto regulasse em um cenário de livre mercado deveria existir apenas desemprego voluntário ou friccional, devendo o desemprego involuntário ser zero (desde que os trabalhadores aceitem a taxa salarial de mercado e não haja forças como leis trabalhistas ou sindicatos, elevando a taxa salarial acima da taxa de compensação do mercado). A heterodoxia econômica advoga, por sua vez, que os sistemas capitalistas produzem desemprego estrutural. O desemprego assim cumpre a função de manter o poder de barganha do trabalhador baixo, mantendo os salários a níveis que não prejudiquem a lucratividade do capital, ou seja a ameaça do desemprego é eficiente em subordinar o trabalhador e em o manter sob controle, especialmente em países com uma ineficiente rede de

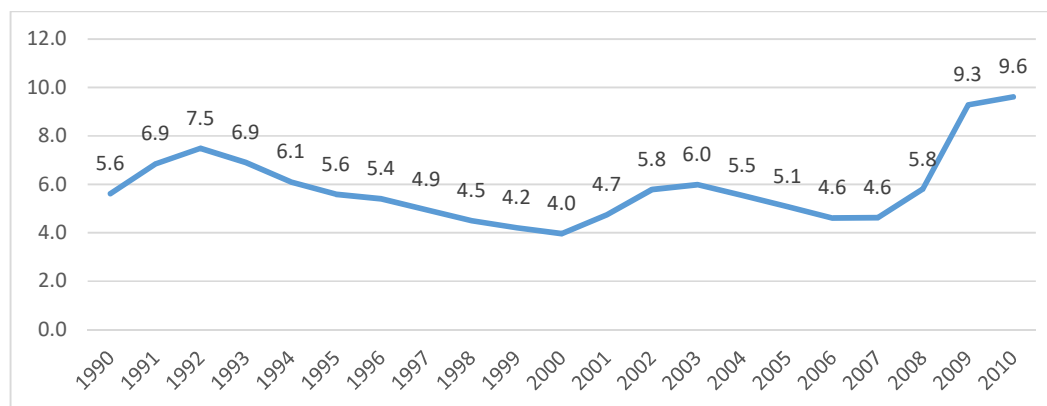
proteção social. Nesse contexto, ainda que fosse possível atingir o pleno emprego ele seria indesejável da perspectiva do capital, pois ele conferiria poder aos trabalhadores.

A própria competitividade do capitalismo é eficiente em criar desemprego, capitalistas estão em constante competição para obter lucro, uma maneira eficiente de obter lucro é diminuir os custos de produção. Existem maneiras diversas de diminuir os custos de produção, o aumento da produtividade do trabalho é uma delas (apesar de nem sempre ser facilmente alcançada) o desenvolvimento tecnológico que reduz a participação de pessoas no trabalho é um exemplo. Se o lucro obtido através do capital não for reinvestido ele perde o poder de criar empregos consequentemente aumentando o desemprego.

A população americana praticamente dobrou em cinquenta anos (1950-2000), aumento esse que foi acompanhado também pela força de trabalho que em 1950 era de 62 milhões passando a 149 milhões em 2015. A distribuição de empregos por setor também mudou, passando de empregos agrários e industriais para empregos administrativos e em serviços (Lee & Mather 2008).

A longa expansão econômica na década de 1990 levou as taxas de desemprego a uma redução no fim da década de 90 e início dos anos 2000 (média de 4%), entretanto, a recessão de 2001 e a desaceleração econômica que durou até 2003 voltaram a aumentar as taxas de desemprego reduzindo a taxa de participação na força de trabalho de maneira constante. A recuperação foi lenta e até o final de 2006, e em 2008 ocorre outra crise sistêmica frustrando a possibilidade de recuperação da economia americana (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Desemprego na Economia Americana de 1990 a 2010 em (%)

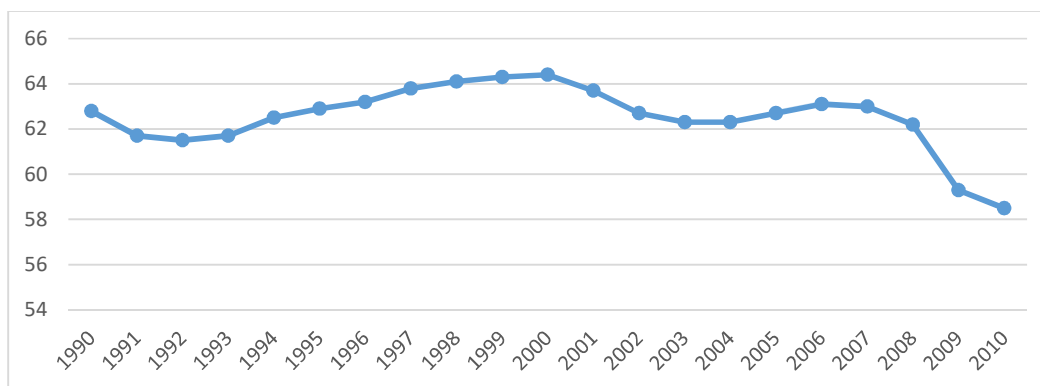


Fonte: Gráfico elaborado com dados do BLS- disponível em: <https://www.bls.gov/cps/tables.htm#empstat>

A taxa de emprego nos Estados Unidos manteve-se relativamente estável na década de 90 crescendo de 1992 (61,5%) até 2000 (64,4%), caindo a partir de 2001, porém de maneira

estável, entretanto de 2008 para 2009 período da crise cai de maneira brusca ficando em (59,3%) (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Taxa de emprego da economia americana de 1990 a 2010 em (%)



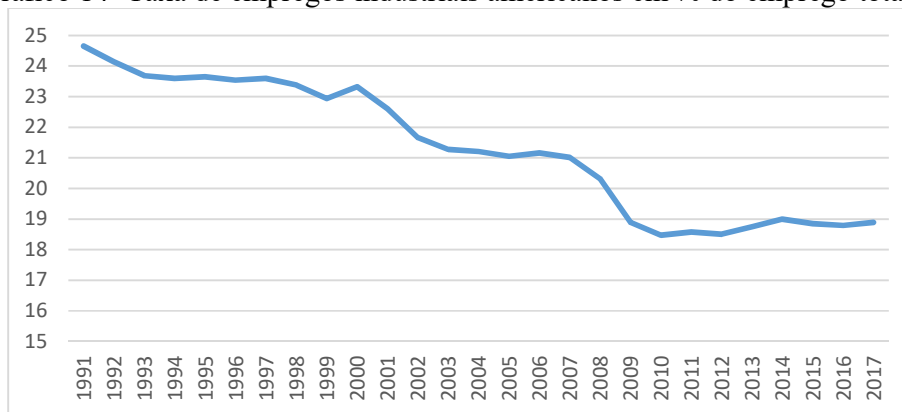
Fonte: Gráfico elaborado com dados do BLS- disponível em: <https://www.bls.gov/cps/tables.htm#empstat>

Desde a década de 1980, o emprego industrial tem caído, enquanto o emprego no setor de bens e serviços continua crescendo, essa queda no emprego industrial pode ser associada a ganhos de produtividade e desenvolvimento tecnológico. Os empregos que exigiam menor qualificação acabaram desaparecendo ou migrando para subúrbios no exterior.

Conforme a demanda por trabalhadores menos qualificados foi declinando, a taxa de homens classificados como desempregados foi aumentando e, por sua vez, é ainda maior entre os mais jovens em relação a outros grupos, a diminuição dos empregos para os mais jovens menos educados. Isso pode estar associado não apenas a demanda por trabalhadores qualificados, mas também ao crescimento da renda familiar, a globalização e ao aumento da população imigrante. Trabalhadores estrangeiros com menor educação costumam ocupar as mesmas posições que os adolescentes no mercado de trabalho.

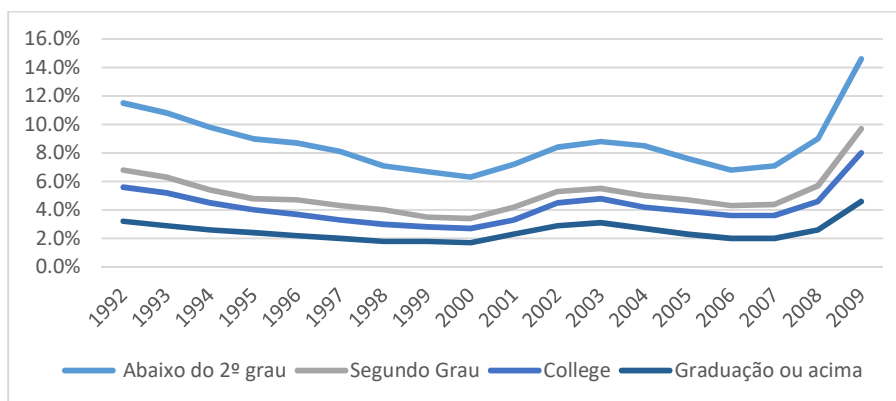
Por último em depressões econômicas trabalhadores mais velhos com mais experiência podem procurar por trabalho em setores que usualmente empregariam adolescentes. (Lee e Mather, 2008)

Gráfico 14- Taxa de empregos industriais americanos em % do emprego total



Fonte: Gráfico elaborado com dados do World Bank – disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SL.IND.EMPL.ZS>

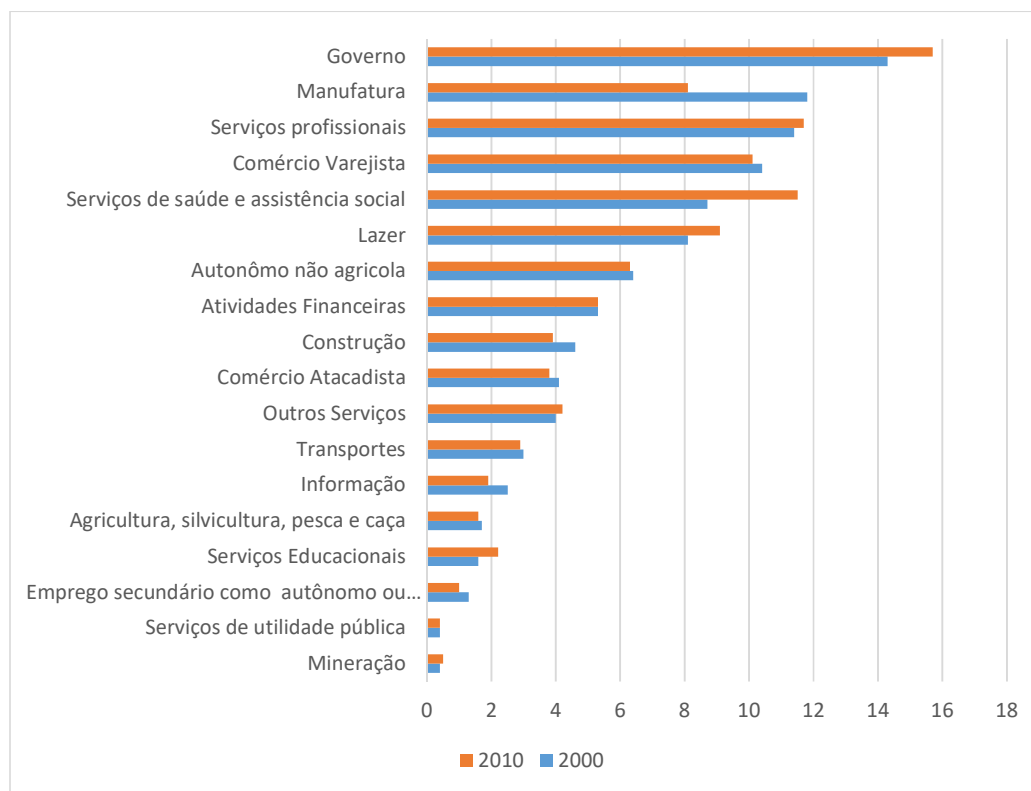
Gráfico 15- Taxas de desemprego por nível de educação, 1992–2009



Fonte: Gráfico elaborado com dados do BLS, disponível em: <https://www.bls.gov/cps/lfcharacteristics.htm#emp>

Ocorreu uma redistribuição da força de trabalho americana em consequência de mudanças no arranjo produtivo americano, desenvolvimento tecnológico e globalização produtiva. O rápido desenvolvimento da tecnologia, especialmente os computadores e a internet aumentaram a produtividade de profissionais e técnicos, sobretudo criou um novo mercado e novos profissionais que não existiam até então, por exemplo especialistas em informática apareceram pela primeira vez no censo americano apenas em 1960 (Lee e Mather 2008)

Gráfico 16 – Distribuição dos empregados americanos por setor em % de 2000 e 2010



Fonte: Gráfico elaborado com dados do BLS disponível em: <https://www.bls.gov/emp/tables/employment-by-major-industry-sector.htm>

Por fim, o crescente desenvolvimento da tecnologia e a robotização, podem desafiar ainda mais o cenário futuro de empregos nos EUA, mesmo o setor de serviços apresentando uma trajetória crescente, na prática já não mais se vê algumas ocupações como, por exemplo: porteiros, ascensoristas e em alguns casos até caixas de supermercados.

A internet também reduziu a disponibilidade de alguns empregos, o comércio varejista concorre com as vendas online, bem como a automação no sistema bancário também reduziu a necessidade de trabalhadores neste setor. No entanto, além dos efeitos das mudanças tecnológicas sobre os tipos de empregos, é preciso destacar os efeitos da globalização produtiva sobre o mercado de trabalho dos EUA que implicou num expressivo deslocamento do emprego industrial para a Ásia, com a configuração das Cadeias Globais de Valor.

III.1.2 A migração dos empregos americanos para a Ásia

Um dos impactos da globalização, sobretudo em sua dimensão produtiva, foi a migração de parte da planta industrial americana para a Ásia, em especial a China.

A globalização produtiva (fragmentação do processo produtivo) permitiu a China um tipo de inserção na produção mundial industrial que impactou no mercado de trabalho dos EUA, o deslocamento de plantas industriais, especialmente de eletroeletrônicos.

Pinto (2016) afirmou que ocorreu um impressionante deslocamento da produção de eletroeletrônicos do EUA para a China. Entre 1992 e 2010, a participação da produção de eletrônicos nos Estados Unidos em relação à produção mundial caiu de 26,9% para 14,4%, ao passo que a participação chinesa aumentou de 2% para 29,2%. Segundo Caliendo e Parro (2015) dos mais de 3 milhões de empregos industriais que foram perdidos nos EUA entre 2000 e 2007, cerca de 800.000 empregos foram perdidos devido pelo deslocamento da produção para a China. A maioria desses empregos foi na produção de bens de informática e eletrônicos, produtos de metal primários e fabricados, móveis e têxteis.

A questão dos empregos deslocados pra Ásia embarca os efeitos distributivos da globalização: como os acordos comerciais afetam os salários e o emprego. A queda dos empregos industriais é uma tendência histórica que reflete não apenas o barateamento do fator trabalho na Ásia, mas também mudanças estruturais da economia norte americana.

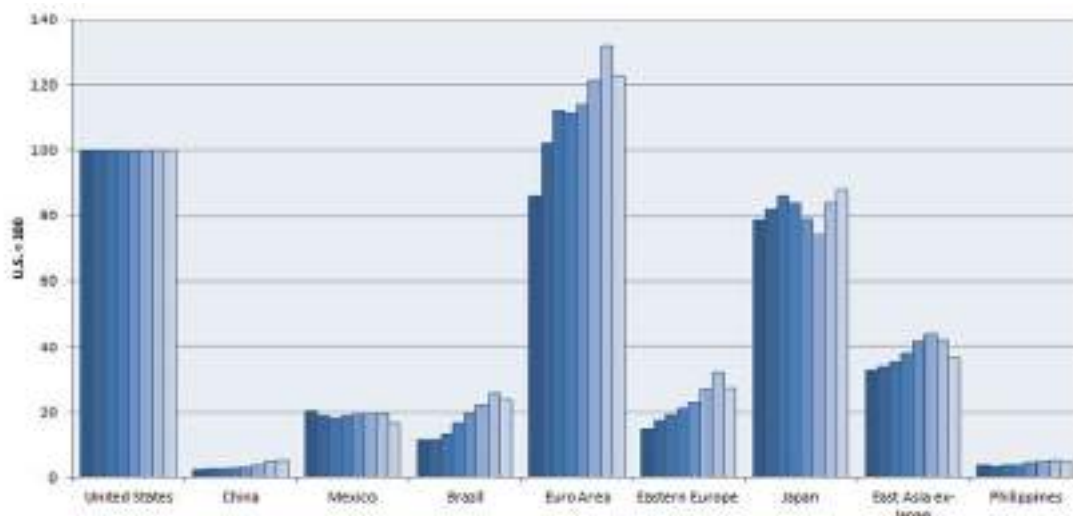
Gráfico 17 – Empregos industriais em milhões diversos países



Nota: 2002 a 2009

Fonte: BLS. Disponível em <https://www.bls.gov/fls/china.htm#tables>

Gráfico 18 – Custo médio por hora dos funcionários da indústria em diversos países



Nota: 2002 a 2009

Fonte: BLS. Disponível em <https://www.bls.gov/fls/china.htm#tables>

Parece difícil precisar em que parte a diminuição dos empregos industriais é responsabilidade da migração desses empregos para a Ásia e o que é papel do desenvolvimento tecnológico que promoveu automação. As empresas adotaram novas tecnologias para aumentar a produção, o que, por sua vez, colocou uma parte dos fora do mercado automatizando as plantas industriais ganhando em produtividade e desempregando pessoas.

Apesar da diminuição dos empregos industriais, a economia americana ganhou um número similar de empregos em outros setores, como serviços, construção e comércio atacadista e varejista, setores estes que estavam menos expostos à concorrência chinesa, e beneficiaram-se por ter acesso a insumos intermediários mais baratos. Consequentemente, as empresas americanas nesses setores reduziram seus custos de produção. Por sua vez, o consumidor americano teve acesso a esses produtos por preços menores. (Caliendo e Parro 2015).

Cabe observar que, com a redução do emprego industrial, mercado de trabalho dos EUA se precarizou, pois a criação de postos de trabalho em outros setores veio acompanhada de uma redução no salário médio, uma vez que os postos de trabalho na indústria eram os que provinham os maiores salários médios aos trabalhadores americanos. Isso afetou de forma expressiva os ganhos dos trabalhos que foi compensado, temporariamente (até a crise de 2007), pelo aumento do consumo via alavancagem do crédito. Ou seja, os impactos da globalização

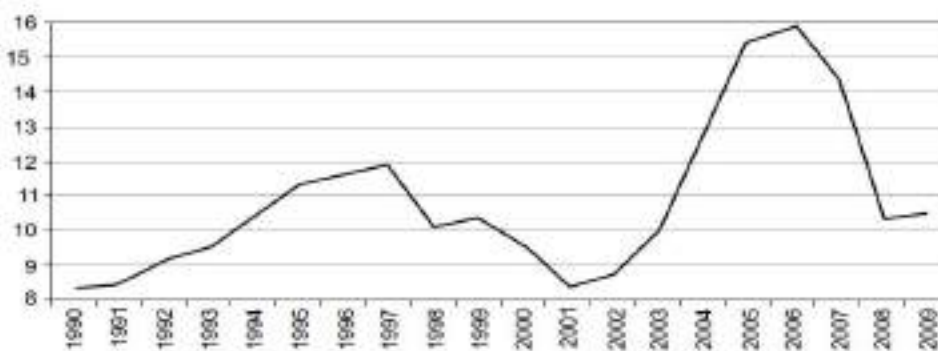
produtiva na década de 2000 provocaram a redução na renda média do trabalhador dos EUA sem que isso tivesse grande impacto no consumo das famílias (até a crise), pois este foi puxado pela expansão do crédito e pelos ganhos financeiros das famílias (ações, títulos, etc.). A crise explicitou os impactos negativos da globalização produtiva que estavam escondidos sob do padrão de acumulação financeirizado.

III.2 Desempenho da taxa de lucro da economia americana nos anos 2000.

A economia americana apresentou melhores taxas de crescimento durante os anos 90 do que durante os anos 2000. Na década de 90, os EUA consolidaram-se como potência econômica mundial, entretanto a década seguinte reservaria duas crises (2001, 2008) que não apenas impactaram as taxas de crescimento, mas também as taxas de lucro da economia americana.

Segundo Dathein (2011), a taxa de lucro da economia americana na década de 90 apresentou crescimento até 1997, começando a declinar graças a um processo de sobre acumulação. A queda da taxa de lucro teria gerado a crise de 2001, de modo que a crise teria sido decorrente da sobre acumulação. A recessão que a economia americana enfrentou foi rapidamente superada pela recuperação da taxa de lucro, que foi muito forte, quase dobrando de 2001 a 2006 (Gráfico 19). Depois caindo vertiginosamente em decorrência da crise do *subprime*.

Gráfico 19- Taxa de lucro da economia americana de 1990 até 2009



Nota: Taxa de lucro = lucro bruto das corporações dividido pelo estoque de capital fixo líquido privado não residencial das corporações.

Fonte: Elaborado a partir de Bureau of Economic Analysis (2011).

Fonte: Dathein (2011)

É possível perceber o descasamento entre a taxa de crescimento do PIB americano e a taxa de lucro, apesar da taxa de lucro estar em seu ponto máximo da década entre 2005 e 2006, o PIB americano já apresentava decréscimo entre 2005 e 2006 (3,3 em 05 e 2,7 em 06). Ou seja, parece haver evidência de que a crise de 2008 não foi criada pela queda nas taxas de lucro ao contrário a crise que provocou a queda nas taxas de lucro.

Com relação a elevação da taxa de lucro na década de 90

“A taxa de lucro elevou-se até 1997, o que pode ser explicado parcialmente por um processo de concentração de renda. A participação dos salários no PIB vinha decaindo desde o início dos anos 1970, quando foi de 53%, até 1994. Ao mesmo tempo, a parcela dos lucros aumentava sua participação no PIB, enquanto a produtividade sistematicamente crescia mais que os salários.

Na segunda metade dos anos 1990 houve uma importante recuperação da parcela salarial, explicado pelo alto crescimento do PIB e dos empregos. A participação dos lucros no PIB, que vinha crescendo desde os anos 1980, passou por uma redução nessa segunda metade dos 1990. Esses dois fenômenos interligados podem ter causado a queda da taxa de lucro no período, tendo em vista a sobreacumulação que gerou maiores custos salariais e maior concorrência.” (DATHEIN, 2011, 328)

Entre 1990 e 2007, os salários reais cresceram menos do que a produtividade do trabalho, causando concentração de renda. Após o estouro da bolha das empresas, ocorreu uma recessão que estagnou os salários, mesmo após a recuperação da economia americana ainda haviam desafios a serem enfrentados como a financeirização e a intensa migração de empregos para a China.

No que tange ao comportamento da taxa de lucro americana nos anos 2000

(...)A participação dos lucros no PIB, ao contrário, cresceu fortemente com a recuperação econômica, com a redução contínua dos custos salariais e por uma drástica redução de impostos sobre os lucros, que passaram de 35% para 25% em 2002. A concentração de renda aumentou muito, tendo em vista a elevação da produtividade em percentuais muito acima da variação salarial. (...) Já como parte do processo de crise, a participação dos lucros no PIB reduziu-se em 2007 e 2008, enquanto que a participação dos salários no PIB voltou a cair muito em 2009 e 2010. Apesar de um aumento substancial dos salários médios em 2009, a produtividade cresceu ainda mais, e essa diferença foi muito maior em 2009, configurando novo avanço da concentração de renda nos EUA, no contexto de crise. (DATHEIN, 2011, 328)

Em síntese, é possível concluir que a profunda crise econômica de 2008, foi uma crise que ocorreu a despeito das taxas de lucro a época apresentarem trajetória ascendente. Aparentemente a crise tem raiz na ampla liberalização da economia, no aumento de atividades especulativas, entretanto não parece haver um consenso se a crise foi causada pelo lado real ou financeiro.

O presente trabalho sustenta a hipótese de que se faz necessário abordar a crise em seus múltiplos aspectos, ela ocorreu por conta do intenso processo de globalização e liberalização

financeira que possibilitou uma expansão de instrumentos monetários e financeiros, justamente quando os trabalhadores precisavam lidar com desemprego ou perdas salariais substanciais o que os levou a demandar mais crédito e em um contexto de ascensão do déficit comercial dos EUA. Portanto não se tratou de uma crise decorrente de quedas na taxa de lucro, mas sim fruto de uma combinação instável entre a globalização financeira e produtiva nos EUA

III.3 Implicações da crise da globalização na política americana: O novo nacionalismo norte americano

No início do século XXI o projeto globalista aparentemente se saía muito bem, até então não parecia haver um grande impedimento para a cada vez maior integração dos mercados. No entanto, a crise de 2008 trouxe enormes questionamentos sobre os efeitos positivos da globalização financeira e produtiva para a economia americana, uma vez que tem ocorrido desde então uma piora na distribuição de renda, precarização do mercado de trabalho e ampliação da concentração de renda e riqueza no topo (1% dos mais ricos).

Em verdade, a rejeição a globalização é tão ampla, que contribuiu para a promoção de um *outsider* do sistema ao maior posto da política americana, a eleição de Donald Trump parece reforçar a ideia de que está ocorrendo um reordenamento no Sistema Internacional.

Existem múltiplas interpretações para a rejeição da política tradicional por parte da população americana, as transformações estruturais, fruto da globalização, que provocaram piora na distribuição da renda e riqueza parecem ter papel fundamental na ascensão de atores não políticos a política.

A globalização promoveu uma transformação do ordenamento econômico e em certo aspecto uma redistribuição de forças dentro do sistema capitalista, graças ao crescente aumento de poder do lado financeiro em detrimento do lado real, promove crescente desindustrialização da economia americana, o que reduziu o poder de barganha dos trabalhadores e, conseqüentemente, sua capacidade de obter maior salários.

O unilateralismo da gestão de Donald Trump é fruto da crescente perda de poder comercial e política dos EUA, portanto pode-se dizer que é um nacionalismo reacionário

Durante a ascensão da globalização o mundo foi cada vez mais polarizado e parecia que os Estados Unidos se encontravam confortáveis com essa ideia, entretanto, a ascensão da China, o crescimento da Índia, o fortalecimento da Rússia, (BRICs são formados em 2008) é

prova de que novos polos de influência vão se formando, tudo isso é tomado como ameaça a hegemonia estadunidense.

Tudo parece apontar a China como novo líder da economia mundial, a nova política americana de isolamento parece fomentar essa possibilidade e a maior distorção gerada pela eleição de Trump parece ser que hoje a China é o país mais comprometido com a globalização (por motivações essencialmente comerciais).

No atual cenário nem a China menos ainda os EUA parecem preocupar-se com a outra faceta da crise da globalização: a dos refugiados. Essa crise não está na lista de prioridades da China, e os EUA por sua vez, na gestão de Trump tem intensificado as medidas anti-imigração, pois a migração pode afetar o mercado de trabalho americano. Isso seria muito malvisto pela base eleitoral de Trump.

Dois slogans da campanha de Trump parecem deixar bem claro não somente como o presidente atuará até o fim de seu mandato, mas o que pensam os antiglobalização, *Make America Great Again* (torne a América grande novamente) e *America First* (América Primeiro), ambas são expoentes do desejo de isolamento e comando das outras nações por parte dos EUA.

A dicotomia nacionalismo globalismo é perigosa, e em muito é consequência da profunda desigualdade gerada nos EUA durante o domínio das finanças e da reestruturação produtiva, tal divisão permite que visões distorcidas ganhem força, como, por exemplo, a visão de que a globalização em tudo é má e que apenas favoreceu o sistema financeiro, portanto sendo melhor se fechar.

Distorcer a globalização rende mais votos do que repensar a globalização, descrever o globalismo como uma alternativa liberal, capitalista e antidemocrática ao nacionalismo, desperta mais interesse do que defender instituições internacionais importantes e amplamente consolidadas com a ONU, a OMC e até a União Europeia (haja visto o fenômeno Brexit).

É preciso avaliar o impacto negativo da globalização em determinados grupos, para poder entender de onde vem o nacionalismo reacionário. Quem critica a globalização e o livre comércio têm razão quando argumenta que a disparidade de poder entre as corporações e os indivíduos resulta em acordos que beneficiam em muito as empresas multinacionais e investidores em relação ao trabalhador. Ou seja, é verdade que a globalização conjugada com a crescente diminuição do estado de bem-estar social e a precarização do trabalho desigualaram cada vez mais a relação entre capital e trabalho.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi discutido como a crise da globalização criou ambiente conespícuo para o triunfo do novo nacionalismo reacionário americano, para isso buscou-se entender o fenômeno da globalização, para depois discutir o efeito da mesma sob a economia estadunidense.

Após três décadas de hegemonia da globalização, a vitória de Donald Trump e o *Brexit*, são dois fatos políticos institucionais que denotam a irrefreável crise da globalização, demonstrando que não apenas a globalização neoliberal, mas o capitalismo financeiro rentista está em xeque.

Desde o fim da Guerra Fria, os defensores do neoliberalismo celebravam não apenas a vitória do capitalismo sobre o socialismo, mas também a vitória do livre-mercado sobre a centralidade do Estado, mesmo nas economias capitalistas foi um período de diminuição dos Estados de bem-estar social e triunfo do Estado mínimo.

O nacionalismo que triunfou nas urnas americanas em 2016 foi fruto justamente a globalização, que criou oportunidade para a ascensão desse tipo de pensamento reacionário, pois a crise de 2007 assim como o padrão de acumulação financeirizada dos EUA acachapou os salários, aumentou o desemprego e o endividamento das famílias americanas.

A gravíssima crise financeira do *subprime*, causada dentre muitos fatores pela atividade financeira não regulada que possibilitou um nível predatório de especulação financeira e mesmo após o socorro do governo aos bancos, o sistema financeiro não passou a ter um novo marco regulatório.

Entre outros malefícios da globalização, talvez o mais determinante deles tenha sido que a globalização acentuou a desigualdade, houve uma inédita concentração de riqueza entre os segmentos financeiros, na era globalista a indústria perdeu espaço na economia americana, a financeirização da economia norte-americana conjuntamente com a internacionalização da produção norte-americana gerou desemprego e vulnerabilizou a sociedade.

O abandono da defesa do emprego, o aumento da precarização do trabalho e a diminuição do Estado de bem-estar social fizeram com que a classe trabalhadora fosse a maior prejudicada pela prosperidade da globalização, foi justamente essa classe trabalhadora nos EUA que se tornou base do novo nacionalismo americano.

A tônica da crítica dos globalistas a Trump é caricata, ele não parece ser simplisticamente uma reação branca e sim muito mais uma reação da classe trabalhadora, insatisfeita com toda sorte de perdas que sofreu durante a era da globalização. E quanto mais se estigmatizar e escrachar o eleitorado de Trump, mais difícil se torna que esses deixem de apoiar seu projeto.

Talvez o maior acerto da campanha de Trump, tenha sido associar o nacionalismo econômico ao patriotismo e a um nativismo exacerbado, que o possibilitou de cooptar os votos do eleitorado branco conservador e dos trabalhadores insatisfeitos com as perdas sofridas ao longo das últimas décadas, que ficou explícita com a crise de 2007.

Sobre isso Adam Serwer comenta: “No lançamento da campanha, os imigrantes mexicanos foram rotulados como ‘estupradores’. A direita racista americana adotou o candidato republicano com um ardor desconhecido desde a campanha do segregacionista George Wallace, em 1968. Mesmo assim, o supremacismo branco desempenhou papel marginal na derrota de Hillary”.

Neste trabalho tratou-se das condições que possibilitaram o ressurgimento do nacionalismo reacionário apenas nos EUA, entretanto, trata-se de um fenômeno internacional, no plebiscito do Brexit, foi justamente o voto dos trabalhadores insatisfeitos que possibilitaram o resultado da saída da União Europeia. Por sua vez a França flertou com a extrema direita de Le Pen (no segundo turno foram 33,9% dos votos para ela contra 66,10% dos votos para o candidato do centro Macron), bem como na Alemanha a extrema direita vem crescendo e, pela primeira vez desde 1945, um partido de extrema direita conseguiu eleger representantes para o parlamento alemão.

Portanto, o nacionalismo reacionário surgente na economia americana, nada mais é do que uma consequência extrema da crise da globalização, que tem produzido digressões indigestas por todo o mundo.

Ironicamente os EUA parecem criar uma guerra comercial no mundo ao sobretaxar importações e a China atualmente (não por nenhum motivo nobre) é expoente do livre comércio, é especialmente irônico ao analisarmos que as principais agências globais dedicadas a promoção e defesa do livre comércio foram capitaneadas pelo próprio Estados Unidos até pouco tempo atrás, o nacionalismo protecionista norte-americano cria um espaço imenso para a derradeira hegemonia chinesa no cenário econômico mundial.

Em linhas gerais, é possível afirmar que a crise no projeto de globalização, fomentou o novo nacionalismo, cabe a observação atenta dos acontecimentos para buscar sentido dentro dessa escalada protecionista e o profundo desejo que a escalada nacionalista conservadora pelo mundo, se mantenha circunscrita ao âmbito comercial (ainda que improvável) e tenha menor atuação no âmbito social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADEO, K. JGTRRA, The Jobs and Growth Tax Relief Reconciliation Act of 2003 Why JGTRRA Should Have Ended in 2004. 2018. Disponível em: <https://www.thebalance.com/jobs-and-growth-tax-relief-reconciliation-act-2003-3305769>. Acesso em: 10/07/2018

ANDERSON, P. O Balanço do Neoliberalismo. (In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.)

ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. Unesp. São Paulo. 1994

BATISTA JR., Paulo Nogueira. Mitos da "globalização". Estudos Avançados, São Paulo, v. 12, n. 32, p. 125-186, apr. 1998. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9045>>. Acesso em: 10/06/2018.

BAUMANN, Renato; CANUTO, Otaviano; GONÇALVES, Reinaldo. Economia Internacional. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS National Income and Product Accounts Tables. Disponível em: <https://www.bea.gov/national/> Acesso em 08/07/2018.

BUREAU OF LABOR STATISTICS Employment Database. Disponível em: <https://www.bls.gov/data/#employment>. Acesso em: 10/07/2018

CALIENDO, L., M. DVORKIN, AND F. PARRO (2015): "The Impact of Trade on Labor Market Dynamics," NBER Working Papers 21149, National Bureau of Economic Research, Inc. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2646148. Acesso em: 01/08/2018

CHESNAIS, F. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

_____.A emergência de um regime de acumulação mundial predominantemente financeiro. Estudos Marxistas, São Paulo, Hucitec, n. 3, p. 19-46, 1997.

COSTAS L. The financialization of capitalism: 'Profiting without producing'. 2013.City, 17:6, 792-805, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13604813.2013.853865>

DATHEIN, R, Crise econômica e taxa de lucro nos EUA. Revista de Economia Contemporânea, v. 15, n. 2, p. 322-341, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppge/ricardodathein/index.php/artigos/> Acesso em: 01/08/2018

- GILPIN, R. O desafio do capitalismo global. Rio de Janeiro: Record. 2004
- GONÇALVES, Reinaldo (org.). A Nova Economia Internacional – uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- HARVEY, David. O Novo Imperialismo. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves – São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HELD, David et al. Rethinking Globalization. In: MCGREW, Anthony G.; HELD, David (Ed.). The global transformations reader: an introduction to the globalization debate. 2. ed. Cambridge: Polity, 2003. p. 67-74. p. 68.
- HELD, D., MCGREW, A., GOLDBLATT, D., PERRATON, J. Global Transformations: Politics, Economics and Culture. Stanford University Press, 1-31 . 1999.
- KRIPPNER G. The Financialization of the american economy. Socio-Economic. 2005.
- KATIWHADA S. Did the financial sector profit at the expense of the rest of the economy? Evidence from the United States. International Institute for Labour Studies. 2010.
- KOTZ D. Neoliberalism and the US Economic Expansion of the 1990s. Economics Department and Political Economy Research Institute Thompson Hall. University of Massachusetts. 2003.
- LACERDA, Antônio Corrêa de. O impacto da globalização na economia brasileira. São Paulo: Contexto, 1999.
- Major Stock Exchanges. Disponível em: <https://stockstotrade.com/major-stock-exchanges-in-the-world-infographic/> Acesso em: 10 June 2018
- MARLENE A. Lee and Mark Mather, “U.S. Labor Force Trends,” Population Bulletin 63, no. 2 (2008)
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. A crise financeira global e depois: um novo capitalismo? Novos Estudos, São Paulo, n. 86, p. 51-72, mar. 20
- PINTO, E. C. & CORREA, L. M. Cadeias Globais de Valor e Desenvolvimento: o caso do Vietnã. Boletim de Economia e Política Internacional., v.17, p.89 - 107, 2014
- PINTO, E. & GONCALVES, R. Globalização e poder efetivo: transformações globais sob efeito da ascensão chinesa. Economia e Sociedade, Campinas, v. 24, 2015
- PINTO, E. A crise americana: dívida, desemprego e política. Boletim de Economia e Política Internacional, v. 8, p. 7-26, 2011b.

PINTO, Eduardo Costa. O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial: tensões e complementaridades comerciais, produtivas e financeiras. A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos. Brasília: Ipea, p. 19-78, 2011.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. Globalização: Notas sobre um conceito controverso. 2001

SERWER A. The Nationalist's Delusion, Trump's supporters backed a time-honored American political tradition, disavowing racism while promising to enact a broad agenda of discrimination. 2017. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/11/the-nationalists-delusion/546356/> Acesso em: 07/08/2018

STOCKHAMMER, E. "Financialization and the global economy." Epstein and Wolfson (eds) The Handbook of the Political Economy of Financial Crises. 2013.

TAVARES, M. C. A retomada da hegemonia americana. In: TAVARES, M. C.; FIORI, J. L. (Org.). Poder e dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.